



UEPB

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CENTRO DE EDUCAÇÃO
DEPARTAMENTO DE LETRAS E ARTES
CURSO DE LICENCIATURA EM LETRAS**

ANTONIO JAIRO ALVES LIMEIRA

**A POÉTICA DE AUGUSTO DOS ANJOS À LUZ DOS ESTUDOS
SEMÂNTICOS**

**CAMPINA GRANDE – PB
2016**

ANTONIO JAIRO ALVES LIMEIRA

**A POÉTICA DE AUGUSTO DOS ANJOS À LUZ DOS ESTUDOS
SEMÂNTICOS**

Monografia apresentada ao Curso de Graduação em Letras, com Habilitação em Língua Portuguesa, da Universidade Estadual da Paraíba, em cumprimento à exigência para obtenção do grau de licenciado em Letras.

Orientador: Prof. Dr. Linduarte Pereira Rodrigues.

**CAMPINA GRANDE – PB
2016**

L733p Limeira, Antonio Jairo Alves
A poética de Augusto dos Anjos à luz dos estudos semânticos
[manuscrito] / Antonio Jairo Alves Limeira. - 2016.
55 p. : il. color.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras) -
Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Educação, 2016.

"Orientação: Prof. Dr. Linduarte Pereira Rodrigues,
Departamento de Letras e Artes".

1. Poesia 2. Estudo Semântico 3. Versos 4. Efeitos de
Sentido I. Título.

21. ed. CDD 401.43

ANTONIO JAIRO ALVES LIMEIRA

A POÉTICA DE AUGUSTO DOS ANJOS À LUZ DOS ESTUDOS
SEMÂNTICOS

Aprovado em: 12 de MAIO de 2016.

BANCA EXAMINADORA

Linduarte Pereira Rodrigues Nota: 10,0

Prof. Dr. Linduarte Pereira Rodrigues - UEPB
Orientador

Jhonatan Leal da Costa Nota: 10,0

Prof. Ms. Jhonatan Leal da Costa - UEPB
Examinadora

Ludmila Mota de Figueiredo Porto Nota: 9,0

Profa. Dra. Ludmila Mota de Figueiredo Porto – UEPB
Examinadora

Média: 9,7

CAMPINA GRANDE – PB
2016

Dedico este trabalho aos meus queridos pais, Adelson Limeira de Sousa e Maria Alves Limeira; por terem me mostrado os mais ditosos caminhos em prol da minha educação e das superações de obstáculos que a vida nos impõe.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a luz divina por iluminar cada passo que dou na minha vida; harmonizando o brilho etéreo que há em mim com as reluzentes centelhas sublimes que brilham no universo.

A minha família, em especial aos meus pais e aos meus irmãos, que sempre estiveram comigo nessa jornada, incentivando-me e me dando forças neste percurso acadêmico. A minha noiva e companheira adorável Rosângela Santos, que está sempre ao meu lado me apoiando e passando confiança para que eu supere cada obstáculo na minha vida.

Ao meu orientador Dr. Linduarte Pereira Rodrigues, por ter acreditado em mim e me passado bastante confiança para que eu abordasse esse tema.

Aos professores examinadores: a professora Ludmila e o professor Jhonatan.

Aos meus amigos que, direto ou indiretamente, contribuíram comigo nessa odisséia de batalhas e conquistas.

A cada um dos meus professores que fizeram com que eu pudesse lograr riquíssimos conhecimentos; dando-me a oportunidade de enraizá-los perenemente na minha vida e repassá-los a outrem.

As minhas roupas, quero até rompê-las!
Quero, arrancado das prisões carnis,
Viver na luz dos astros imortais,
Abraçado com todas as estrelas!

Augusto dos Anjos

RESUMO

O trabalho apresenta um estudo da poética de Augusto dos Anjos à luz dos estudos semânticos. Objetiva analisar o sentido dos versos através de diversos contextos, a considerar, as relações entre palavras, a referência que determinados itens lexicais evidenciam no mundo, e a própria experiência do poeta que exercita atualizar sentidos em seu fazer literário. Parte da hipótese que a construção de sentido, na poesia do referido autor, é suscitada a partir de elementos linguísticos, referenciais, metafóricos e da experiência do sujeito diante do mundo. Enfatiza a necessidade de se ultrapassar a leitura mais abrangente de seus poemas, o que regularmente se resume ao exame da estrutura e estética, mas que pode culminar em proporções significativas quando interrogado o plano de conteúdo de sua poética. O estudo se justifica pela importância de Augusto dos Anjos para a literatura brasileira, bem como pelos vários elementos semânticos empreendidos em seu estro poético. Os fulcros metodológicos utilizados neste trabalho vertem da obra *Eu e outras poesias*, especificamente quatro poemas, analisados à luz dos estudos semânticos. A análise empreendida na construção poética deste autor evidenciou os efeitos de sentido e a criação de metáforas que permeiam os versos deste poeta, com o emprego de palavras em contextos variados e ênfase em aspectos científicos, filosóficos e religiosos. Tais resultados alcançados com o estudo permitiram tornar-se evidentes novos horizontes de análise, que contribuem para enxergar a poesia deste paraibano numa ótica que vai além da visão meramente estética, acentuando-se por uma abordagem macrolinguística que permeia os estudos da significação, em sua especificidade semântica, frente ao exame de textos do cotidiano e da ficção.

Palavras-chave: Augusto dos Anjos. Estudos semânticos. Efeitos de sentido.

ABSTRACT

This paper presents a study of the poetry of Augusto dos Anjos in the light of semantic studies. It aims to analyze the meaning of the verses through various contexts, to consider the relations between words, the reference that certain lexical items determine in the world, and the own experience of the poet that exercises to update your senses in making literary. Part of the hypothesis that the construction of meaning in the poetry of that author, arises from linguistic elements, references, metaphoric and from the experience of the subject front the world. It emphasizes the need to overcome the widest concept of reading in his poems, which regularly comes down to examining the structure and aesthetics, but that may result in significant proportions when questioned the contents of his poetry. The study is justified by the importance of Augusto dos Anjos for Brazilian literature, as well as the various semantic elements undertaken in his poetic inspiration. Methodological fulcrums used in this study shed the work *Eu e outros* (Me and other poems), four poems specifically, analyzed in the light of semantic studies. The analysis undertaken in the poetic construction of this author showed the effects of meaning and creation of metaphors that permeate the verses of the poet, with the use of words in different contexts and emphasis on scientific, philosophical and religious aspects. These results achieved by this study allowed become evident new analytical horizons, contributing to see the poetry of this author from Paraíba a perspective that goes beyond the merely aesthetic vision, accentuated by a macrolinguistics approach that permeates the meaning studies in their semantic specificity, compared to the examination of everyday texts and fiction.

Keywords: Augusto dos Anjos. Semantic studies. Effects of sense.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Proximidades do antigo Engenho Pau d'Arco.....	25
Figura 2: Igreja onde o poeta foi batizado.....	26
Figura 3: Usina Santa Helena.....	26
Figura 4: Memorial Augusto dos Anjos, Sapé - PB.....	30
Figura 5: O tamarindo mencionado nos sonetos de Augusto dos Anjos.....	31

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	11
-----------------	----

CAPÍTULO I

1 ESTUDOS SEMÂNTICOS.....	14
1.1 SEMÂNTICA FORMAL	15
1.1.1 Sentido e referência	16
1.2 SEMÂNTICA LEXICAL.....	17
1.3 SEMÂNTICA COGNITIVA.....	20
1.2.1 Metáfora	22

CAPÍTULO II

2 PERCURSO METODOLÓGICO	24
2.1 PESQUISA BIBLIOGRÁFICA E DOCUMENTAL.....	24
2.2 BREVE CONTEXTO HISTÓRICO	25
2.3 AUGUSTO DOS ANJOS E SEU FAZER POÉTICO	27

CAPÍTULO III

3 ANÁLISE DO <i>CORPUS</i>.....	33
3.1 O SENTIDO SUBJACENTE AO VERSO	33
3.1.1 Primeira categoria: animismo	34
3.1.2 Segunda categoria: o químico e o biológico.....	42
3.1.3 Terceira categoria: manifestações cósmicas.....	46

CONSIDERAÇÕES FINAIS	52
----------------------------	----

REFERÊNCIAS.....	54
------------------	----

INTRODUÇÃO

A poesia pode ser compreendida como a arte que objetiva suscitar fins estéticos; além de contemplar formas pessoais e interpretativas de níveis sentimentais. Essa palavra hipônima de literatura tem origem em épocas remotas. Sua origem vem do latim *poēsis*, que por sua vez, deriva de um conceito grego. Esse conceito designa manifestação da beleza ou do sentimento estético através da linguagem humana.

No século VI, com o início da colonização, a poesia chega ao Brasil, trazida pelos jesuítas, em especial pelo padre José de Anchieta. Depois de aproximadamente três séculos, após a independência do Brasil, a literatura brasileira começa a adquirir identidade própria, com o início do romantismo. Nasceram, então, as primeiras rimas compostas pelos poetas românticos, em especial, Gonçalves Dias, poeta da primeira geração desse movimento literário.

Com o final do romantismo, tem início o realismo, movimento literário que repudiava a artificialidade dos autores românticos. Os autores do realismo buscavam retratar, através da literatura, a vida e o cotidiano da sociedade da época. Após esse movimento, outra escola literária surgia, consolidando os ideais realistas, o naturalismo. Uma das características principais desse movimento era a observação fiel da realidade e da experiência, para mostrar que o indivíduo é determinado pelo ambiente e pela hereditariedade. Com o término dessa escola literária, tivemos o parnasianismo, que explorava, através da poesia, temas universais, buscando nos modelos clássicos inspirações que contribuíssem para combater as fantasias e as emoções exageradas dos autores românticos.

Terminado o parnasianismo, inicia-se no Brasil um movimento literário que teve início na França. Essa escola literária, conhecida como Simbolismo, buscava aprofundar e radicalizar os ideais românticos, opondo-se às ideias realistas e naturalistas. O simbolismo objetivava valorizar os sentimentos individuais, procurava o isolamento da sociedade, contemplava conteúdos relacionados com o espiritual, com o místico e o subconsciente. Dava ênfase à imaginação e fantasia, comparava a poesia com a música, enfocava a espiritualidade da mulher, ao relacioná-la com o clima de sonho. Todas essas características do simbolismo serviriam de fonte inspiradora para um poeta paraibano, de uma verve poética espantosa, criadora, dono de um conhecimento que envolvia filosofia, ciência, religião, mitologia, sociologia, psicologia, teosofia, dentre outros temas universais. Ficou conhecido, por alguns, como poeta da morte, por outros, doutor tristeza, até mesmo, poeta transcendental. Buscou inspiração no pessimismo shopenhaueriano e na poesia de Baudelaire, assimilando traços

atípicos nunca vistos na poesia brasileira. Seu nome, Augusto de Carvalho Rodrigues dos Anjos (1884 – 1914).

Esse poeta não foi inserido em nenhuma escola literária, apesar de ser classificado, para fins didáticos, como sendo poeta pré-moderno. Possui características dos parnasianos, devido sua forma rebuscada de compor seus poemas e abordar temas universais. Também apresenta traços simbolistas, por evidenciar, em sua poética, vários aspectos desse movimento literário. Este autor singular escreveu apenas uma obra, intitulada *Eu*, que, após sua morte, seriam acrescentados vários outros poemas, compondo o livro *Eu e outras poesias*.

Partindo dessa contextualização histórica, literária, até o surgimento do poeta Augusto dos Anjos, no período de transição entre o simbolismo e o modernismo; a nossa pesquisa descritiva e analítica, de cunho bibliográfico e documental, objetiva investigar a construção de sentido na poética augustiana. Parte da hipótese de que a construção de sentido na poesia desse autor é suscitada a partir de elementos linguísticos referenciais, metáforas e da própria experiência do artista das letras que nos leva a constatar uma poesia que se conjuga com vários aspectos filosóficos, religiosos e científicos.

Partindo do objetivo principal de analisar o modo como se constitui o sentido na poética de Augusto dos Anjos, considerando elementos biográficos referentes ao autor e que se refletem em sua poesia; buscamos, de forma específica, identificar nos textos analisados os elementos de sentido que contribuem para a compreensão do texto; bem como reconhecer o contexto poesia/mundo utilizado pelo poeta na construção dos seus poemas; constatar as experiências de mundo do autor; e como essas experiências podem contribuir para o sentido posto em seu fazer poético.

Para tanto, partimos dos estudos semânticos, com um olhar acentuado nas semânticas lexical, cognitiva e formal, já que essas três vertentes semânticas são responsáveis pelo estudo das relações entre as palavras, a referência que um item lexical faz dos objetos existentes no mundo e, por fim, da construção do sentido por meio da própria experiência do indivíduo perante o mundo em que vive.

O passo inicial para que desenvolvêssemos este estudo, deu-se pelo o interesse de analisar a poesia de Augusto dos Anjos por meio de uma ótica não apenas crítico-literária, mas, ao mesmo tempo, semântico-linguística.

O anseio de realizarmos este trabalho emergiu do fato desse autor ter contribuído para a história literária e poética do país, com apenas um livro, que se multiplica em um vasto campo poético, nas mais variadas significações. Para a composição do *corpus*, utilizamos a obra *Eu e outras poesias*, escolhendo quatro poemas, na forma fixa de soneto. A escolha

desses quatro poemas, “A árvore da Serra”, “Psicologia de um vencido”, “Sonho de um monista” e “A noite” deu-se pelo fato de podermos analisar a construção de sentido por meio dos estudos semânticos, o que buscávamos encontrar com o estudo. Além da escolha dos sonetos, subdividimos nossa análise em três categorias.

Perante o apresentado, o texto se divide em três capítulos. No primeiro, apresentamos os aportes teóricos para o estudo, elucidando a teoria das semânticas lexical, cognitiva e formal. Também, foi feita uma abordagem sobre a metáfora e a referenciação. No segundo capítulo, trouxemos uma aclaração acerca do percurso metodológico e do *corpus* de estudo. No terceiro e último capítulo, apresentamos a análise do *corpus*, intitulada *o sentido subjacente ao verso*. Os resultados alcançados neste estudo estão evidenciados nas considerações finais, em que foram avaliados e confirmados os objetivos iniciais propostos. Por último, seguem-se as referências que subsidiaram a elaboração deste estudo.

CAPÍTULO I

1 ESTUDOS SEMÂNTICOS

A palavra semântica provém do vocábulo grego *semantiké* que designa a arte do significado. Trata-se, pois, daquilo que pertence ou é relativo à significação das palavras. Em meio às vertentes semânticas, também se compreende o estudo dos significados dos signos linguísticos e das suas combinações. A semântica está, portanto, associada ao significado, ao sentido e à interpretação de palavras, expressões ou símbolos, constituindo-se, hoje, numa abordagem de análise multimodal.

Os estudos do significado já eram praticados na Grécia antiga, os filósofos já realizavam estudos sobre o significado que subjaz aos elementos linguísticos. Desde essa época, a filosofia não mais cessou sua influência acerca dos estudos semânticos. Um dos interesses dos filósofos gregos se refletia nas questões lógicas da linguagem. De acordo com Paul-Eugène Charbonneau (*apud* OLIVEIRA, 2012, p. 19), “a lógica formal distingue os raciocínio verdadeiros dos falsos, independentemente do seu conteúdo”.

No renascimento houve grande interesse por parte dos filósofos em discutir sobre os estudos das mudanças semânticas. Este olhar voltado para o estudo do significado, posteriormente, iria despertar o interesse de muitos linguistas nos séculos XIX e XX. Segundo Oliveira (2012), a tendência historicista nos estudos do significado é marca determinante nas obras daqueles que contribuíram para a consolidação dos estudos semânticos linguísticos, retirando da filosofia a exclusividade dos estudos do significado/sentido. Dentre os pensadores gregos que se debruçaram sobre a investigação do sentido, destaca-se Próclus, filósofo pouco conhecido nos livros de semântica, mas que influenciou consideravelmente os estudos do significado durante boa parte do século XX.

Entre vários filósofos que estudaram as vertentes do significado, dois nomes ganhariam destaque: Christian Karl Reisig e Michel Bréal. De acordo com Oliveira (2012), Reisig foi o primeiro a afirmar e justificar a autonomia da semântica lexical, ramo da semântica voltado para o estudo do significado da palavra. Já Bréal reivindicou a participação da linguística nos estudos do significado. Ele destacou a necessidade de existência de gerações de linguistas que se empenhassem no futuro no desenvolvimento dos estudos semânticos.

A semântica lexical é responsável pela relação entre uma palavra e o seu significado. A semântica formal, explica Oliveira (2012), não se preocupa com a matéria sobre a qual se

apoia o raciocínio, mas apenas com a forma. Não obstante, ela também pode ser compreendida, de acordo com Chierchia (2003), como abordagem denotacional que pressupõe a língua como uma organização constituída por um conjunto de palavras e regras para combiná-las. Estamos falando, pois, do princípio de *composicionalidade*, responsável por determinar o sentido de uma expressão complexa como dependente das expressões que a compõe. Já a semântica cognitiva, que se fundamenta nos mecanismos psíquicos entre os interlocutores no processo comunicativo, parte do pressuposto de que a mente estabelece relações permanentes entre as combinações de signos e outros fatores externos que introduzem significado. Segundo Gomes (2003), esta semântica se preocupa com o modo como são apreendidas as experiências humanas e com o seu sistema conceitual. Dentro desta corrente teórica, considera-se que a mente humana tende a organizar em categorias tudo o que percebe em seu entorno. A maior parte deste processo de categorização ocorre automática e inconscientemente. Este processo só se torna perceptível quando ocorrem casos ambíguos.

Para uma melhor compreensão das correntes teóricas que fundamentam o nosso estudo, discorreremos em seguida sobre cada uma das semânticas supracitadas.

1.1 SEMÂNTICA FORMAL

A semântica formal se constitui como vertente teórica que parte da ideia de que as expressões linguísticas são representações e se referem a algo no mundo. Se enunciarmos, por exemplo, *Tem um rato na cozinha*, poderíamos dizer que essa sentença é verdadeira, porque ela descreve com finalidade a situação. Esta referência externa à língua sugere que os significados estão, de certa forma, ligados ao mundo, ou algo que tomamos ou construímos como independente da língua.

Esta semântica considera como característica principal das línguas naturais o *ser* sobre *algo*. Entendemos, pois, que as línguas naturais são usadas para falar sobre objetos, indivíduos, fatos e eventos, descritos como externos à própria língua. Assim, a referência é tomada como um de seus principais elementos, tendo em vista que o significado é entendido como uma relação entre a linguagem, por um lado, e por outro, aquilo sobre o qual a linguagem fala. O mundo sobre o qual nós falamos quando usamos a linguagem pode ser tomado como mundo real, ou parte dele, ou mesmo mundos ficcionais ou hipotéticos.

Para Fiorin (2005, p.139), uma das inúmeras possibilidades de investigação do significado, constitui-se no estudo das relações que existe entre as expressões linguísticas e o mundo. Segundo esse teórico, a semântica formal “se apóia no fato de que, se não

conhecemos as condições nas quais uma sentença é verdadeira, não conhecemos seu significado”. Entendemos, então, que o significado de uma sentença deve nos levar a entender as condições necessárias e plausíveis para que essa sentença seja verdadeira, e quais são as condições de verdade dessa sentença, em que o significado da sentença dependerá do significado dos itens lexicais que a constitui.

É relevante atentarmos para dois elementos distintos no significado de uma palavra ou sentença, os quais são de grande importância para atribuição de significado da palavra ou da sentença: a **denotação** e o **sentido**. Nessa perspectiva da semântica formal, entende-se por denotação a referência ao fenômeno ou ao objeto do mundo real feita pela palavra ou pela sentença. Infere-se por sentido a maneira cognitiva pela qual uma pessoa concebe essa denotação. Assim, “Papa Francisco” e “Jorge Mario Bergoglio” denotam (se referem a) a mesma pessoa, todavia possuem sentidos distintos. Isso ocorre pelo fato de que “duas expressões com o mesmo referente não necessariamente possui o mesmo significado, a identidade de referente não é uma condição suficiente para a identidade de significado” (FODOR, 1997, p. 30).

1.1.1 Sentido e referência

Ao compreendermos que a linguagem fala sobre entidades, estados, propriedades construídas como externas a ela, perguntar-se-á, por exemplo, o significado de uma sentença como: *O autor do livro EU é Augusto dos Anjos / O poeta que escreveu o livro EU é paraibano e se chama Augusto dos Anjos*. Desta forma, entendemos que o significado da primeira sentença pode ser descrito na segunda sentença, onde é possível afirmarmos que duas expressões linguísticas – *o autor do livro EU* e *Augusto dos Anjos* se referem ao mesmo indivíduo no mundo real.

A segunda descreve bem o significado da primeira sentença, no entanto, se é verdade que a segunda sentença nos mostra o significado da primeira, teríamos, então, de aceitar que a primeira sentença como sinônimo de uma terceira sentença, por exemplo: *Augusto dos Anjos é Augusto dos Anjos*. Isso ocorre pelo fato de estarmos afirmando, tanto na primeira como na terceira sentença, uma relação de igualdade entre o indivíduo e ele mesmo.

No entanto, cabe-nos, pois, observarmos que a primeira e a terceira sentenças não expressam a mesma coisa, pelo fato da primeira sentença ser informativa e nos ensinar algo. Não podemos lhe atribuir uma verdade num primeiro momento, ela precisa ser verificada no mundo. Diferente desta, a sentença *Augusto dos Anjos é Augusto dos Anjos* nos diz a

obviedade de que um indivíduo é igual a ele mesmo. Percebemos, então, que essa é uma verdade independente dos fatos do mundo.

Diante dessa complexidade do funcionamento do significado, é possível constatar que o problema consiste em descrevermos o significado de uma expressão linguística, considerando apenas sua referência, ou seja, o objeto referente.

Ao adentrarmos nessa vertente, vamos perceber que o significado de uma expressão linguística abarca dois conceitos substanciais: o de sentido e o de referência. Entende-se por referência, entidades, objetos ou indivíduos apontados no mundo por expressões linguísticas. Quando imaginamos uma sentença, por exemplo, vemos que sua referência está relacionada com seu valor de verdade. Já o sentido de uma expressão, por sua vez, é o modo como apresentamos esse objeto e o caminho para se chegar até ele.

Desse modo, resta-nos, então, entender por que *O autor do livro EU é Augusto dos Anjos* é uma sentença informativa e *Augusto dos Anjos é Augusto dos Anjos* não o é; podemos ver que essas expressões têm a mesma referência no mundo, ou seja, elas apontam para o mesmo indivíduo; todavia, elas suscitam sentidos diferentes. Elas nos informam que o indivíduo Augusto dos Anjos pode ser encontrado no mundo por diferentes caminhos. Isso implica dizer que aprendemos algo com a sentença *O autor do livro EU é Augusto dos Anjos* e não com a sentença *Augusto dos Anjos é Augusto dos Anjos*.

1.2 SEMÂNTICA LEXICAL

O léxico se constitui a partir de um conjunto de palavras existentes na língua de uma comunidade ou de um emissor. A semântica lexical faz parte dos muitos campos de estudos relativos à semântica. Poderíamos dizer que esta teoria tem suas raízes no campo da semântica estruturalista que, assim como os estudos sausserianos, preocupa-se com a linguagem, e não com objetos existentes no mundo real. Nessa perspectiva da semântica lexical, percebemos que as palavras ganham definições uma em relação à outra.

Ao observarmos palavras como drama, romance, poesia, prosa, epopeia, lirismo, poderíamos afirmar que tais palavras pertencem ao campo lexical da Literatura. Entendemos por campo lexical, o conjunto de palavras que associadas entre si remetem para um domínio da realidade, ou apresentam uma determinada noção. É importante ressaltarmos que o campo semântico está voltado para estudar as relações dos significados de uma determinada sentença.

Segundo Fiorin (2005), ao desvendarmos a composição das unidades de um campo lexical, já estamos situados no domínio da semântica; o autor traz o exemplo do campo lexical do chapéu, tratando do lexema como uma entrada de dicionário. Ele ainda discorre a respeito dos semas, que tratam de traços distintivos próprios do conteúdo (no caso do chapéu, “para cobrir a cabeça”) e os sememas, constituindo-se de um conjunto de semas.

Ao adentrarmos nos estudos lexicais, podemos identificar várias relações de palavras, entre elas, sinonímia, antonímia, hiperônimo, hipônimo, ambiguidade, homonímia, polissemia, metonímia e metáfora.

A **sinonímia** lexical se constitui na ocorrência de relação de sentido entre palavras ou expressões. No entanto, existe certa complexidade nesta relação lexical. Poderíamos dizer que sinonímia é identidade de significados. Mas essa definição não seria suficiente para darmos conta da definição de o que venha ser sinonímia. Segundo Ilari & Geraldi (1987), para duas expressões serem sinônimas, não necessariamente basta ter a mesma referência no mundo. Seguindo essa linha de raciocínio, entendemos que duas palavras mantêm relações sinônimas sempre que for possível a substituição de qualquer frase sem que a frase passe de falsa a verdadeira ou de verdadeira a falsa. Para Fiorin (2005, p.126), não existem sinônimos perfeitos, isso acontece pelo fato de muitas palavras ganharem significados através do contexto ou do discurso. Se pensarmos nas palavras *menino* e *garoto*, diríamos, num primeiro momento, que são sinônimas; mas se as empregarmos num determinado contexto, talvez essa relação sinônima não prevaleça. Por exemplo, se dissermos: *Pedro não se importa de ser chamado de garoto, mas detesta ser chamado de menino*. Nesta sentença, é possível notarmos que menino e garoto não possuem o mesmo sentido lexical, portanto, não são palavras sinônimas nesse contexto.

A **antonímia** é, geralmente, definida como sendo uma relação de sentido contrário entre palavras. Assim sendo, poder-se-á dizer que *frio* é o contrário de *quente*. Mas se analisarmos as palavras *quente* e *frio*, considerando o discurso, por exemplo, podemos perceber que elas nem sempre apresentam sentidos contrários. Se dissermos *o clima da reunião foi quente, e meu relacionamento está frio*, ou ainda, *Estou com a consciência pesada / Esta mesa é maneira*, logo, vemos que *frio* não mantém relação de sentido contrário a *quente*, e que *maneira* não se opõe a *pesada*. Portanto, o contexto é quem vai constituir as relações lexicais antônimas.

A **hiponímia** acontece por meio da relação de palavras, quando o sentido de uma está presente no sentido da outra. A hiponímia representa a parte de um todo, por exemplo, palavras como *maçã*, *banana*, *laranja*, *uva*, pertencem ao campo lexical fruta. Portanto, são

palavras hipônimas. Poderíamos dizer que a hiponímia é uma relação linguística que estrutura o léxico da língua em classes. Por exemplo, *onça* pertence à classe dos felinos que, por sua vez, pertence à classe dos animais. Se levarmos em consideração que cada item anterior citado forma uma cadeia, logo, percebemos que há um item lexical que contém todas as outras propriedades da cadeia, a esse item dar-se o nome de *hiperônimo*.

Hiperônimo é uma palavra que pertence ao mesmo campo semântico de outra, mas com o sentido mais abrangente, podendo ter várias possibilidades para um único *hipônimo*. Dizemos que *onça* é hipônimo de felino e que felino é hiperônimo de *onça*. Em *estou com gripe*, a palavra *gripe* é hipônima de doença, a palavra *doença*, por sua vez, é hiperônimo de gripe.

Quando pensamos em atribuir sentido para uma determinada palavra, muitas vezes nós não conseguimos. Nem sempre é uma tarefa fácil. Isso acontece pelo fato de muitas palavras ganharem significados a partir de um determinado contexto. Dessa forma, entende-se que há facilidade de atribuímos significado de uma palavra por meio do contexto ou do discurso. Isso implica dizer que o efeito contextual pode levar o sentido da palavra a caminhos diferentes.

A **ambiguidade**, outra relação lexical abordada em nosso estudo, é constituída dentro da linguística na língua portuguesa a partir da duplicidade de sentidos, em que alguns termos, expressões e sentenças apresentam mais de uma acepção ou entendimento possível. Em outras palavras, ocorre quando, por falta de clareza, há duplicidade de sentido da frase. Apesar de ser um recurso aceitável dentro da linguagem poética ou literária, deve ser, na maioria das vezes, evitado em construções textuais de caráter técnico, informativo ou pragmático; mesmo que seja recurso bastante utilizado em campanhas publicitárias, filmes etc. Ao dizermos, por exemplo, *João pediu a Pedro que afinasse seu instrumento*; qual instrumento deve ser afinado, o de João ou o de Pedro? Seria diferente se proferíssemos *João pediu a Pedro que afinasse seu próprio instrumento*. A relação ambígua é muito utilizada na linguagem poética como recurso estilístico, no entanto, a inadequação ou a má colocação de elementos como pronomes, adjuntos adverbiais, expressões e mesmo enunciados inteiros podem acarretar duplo sentido, comprometendo a clareza do texto. A ambiguidade pode incidir somente sobre um item lexical. Por exemplo: *Estou no banco*. Nesta sentença, o item lexical *banco* é responsável por gerar uma dupla interpretação. A ambiguidade lexical ainda pode ser gerada por dois tipos de fenômenos distintos: a **homonímia** e a **polissemia**

Homonímia são palavras que possuem a mesma pronúncia, a mesma grafia, porém as classes gramaticais são diferentes. Esse tipo de palavra ocorre quando os sentidos da palavra

ambígua não se relacionam. Existem palavras homógrafas com sentidos totalmente diferentes para a mesma grafia e o mesmo som; por exemplo, *banco* – instituição financeira – e *banco* – lugar onde se senta –. E as palavras homófonas; com sentido diferente para o mesmo som de grafia diferente. Tomemos como exemplo a palavra *manga* que pode ser fruta ou parte do vestuário.

A **polissemia**, por sua vez, constitui-se de maneira que a mesma palavra apresenta significados diferentes, que se explicam dentro de um contexto. Os estudos semânticos apontam uma diferença entre homonímia e polissemia, essa diferença, também, é estudada e especificada pela Lexicologia. Os dois fenômenos lidam com diversos sentidos para uma mesma palavra fonológica; todavia, polissemia ocorre quando os possíveis sentidos da palavra ambígua têm alguma relação entre si. Por exemplo, a palavra *pé*: *pé de mesa*, *pé de cadeira* e *rede*: *rede elétrica*, *rede de computadores*. O sentido de *pé*, como sendo a base, é recuperado em ambos os sentidos (*pé de mesa*, *pé de cadeira*), o mesmo acontece com a palavra *rede*, o sentido é convergente em *rede elétrica* e *rede de computadores*. É relevante ressaltarmos que para estabelecermos essa relação entre palavras polissêmicas, é necessário usarmos a nossa intuição de falante e o nosso conhecimento histórico a respeito dos itens lexicais.

A **metonímia** ocorre quando usamos uma palavra para designar outra. Também conhecida como **transnominção**, esse recurso lexical é uma figura de linguagem que consiste no emprego de um termo por outro primeiro, dado a relação de semelhança entre o segundo e o termo entre as orações ou a possibilidade de associação entre cinco ou mais figuras de linguagem destes. Dizemos que a metonímia acontece quando empregamos o efeito pela causa ou vice-versa. Por exemplo: *Ele conseguiu sucesso com bastante determinação e suor*; ou então, *Hoje em dia, Augusto dos Anjos é muito lido em vários países*. Ou ainda, *Foi difícil resistir aos encantos daquela doçura*. Na metonímia, um termo substitui outro não porque a nossa sensibilidade estabeleça uma relação de semelhança entre os elementos que esses termos designam (caso da metáfora), mas porque esses elementos têm, de fato, uma relação de dependência. Entendemos que, na metonímia, há uma relação de contiguidade entre sentido de um termo e o sentido do termo que o substitui. Assim, nota-se que palavras metônimas são, geralmente, utilizadas para a não repetição de palavras em textos.

1.3 SEMÂNTICA COGNITIVA

Para melhor entendermos esta teoria cognitiva, e como ela dá forma e conteúdo à realidade a partir de modelos estruturais, vamos pensar na fonte de efeitos de sentido

prototípicos que são os modelos cognitivos idealizados, que estruturam o espaço mental. As estruturas podem ser diretas ou indiretamente significativas. Podemos compreender as primeiras como os conceitos básicos e esquemas de imagens *cinestésicas*, originadas da experiência física e social das pessoas em uma determinada cultura. As estruturas indiretamente significativas, por sua vez, têm sua significação projetada, diretamente na metáfora e na metonímia, permitindo, assim, a conceitualização de domínios abstratos da realidade.

A Teoria dos Modelos Cognitivos Idealizados (MCI) é a essência da semântica cognitiva de Lakoff, e se sustenta no experiencialismo que explica as estruturas diretamente significativas. Esta abordagem cognitiva da significação vem nos mostrar que os significados das diferentes línguas não são nem arbitrários muito menos previsíveis, todavia são motivados pela própria natureza da cognição humana. Feltes (*apud* GOMES, 2003, p. 87-88) “apresenta os quatro tipos de modelos cognitivos destacados por Lakoff em sua teoria, a saber: os modelos cognitivos de esquema de imagens; os modelos cognitivos proporcionais; os modelos cognitivos metafóricos; e os modelos cognitivos simbólicos”.

A base sólida da teoria semântica de Lakoff assenta-se no experiencialismo e procura respostas para as questões de extrema importância teórica, tais como: (i) o que é a razão humana; (ii) como fazemos sentido de nossa experiência; (iii) o que é um sistema conceitual e como está organizado? À luz da teoria de Lakoff, percebe-se que é através da categorização que a experiência se faz significativa para o ser humano. A essa posição, Lakoff passou a denominá-la de Linguística Experiencial e parte do princípio de que “uma teoria da linguagem deve ajustar-se a uma teoria geral da cognição, desenvolvimento humano e interação social” (LAKOFF, 1982,p.145).

A noção empírica é essencial, uma vez que Lakoff (1987, p. 266) a interpreta como “a totalidade da experiência humana e tudo o que desempenha um papel nela”. Esta noção de experiência substancia a noção de significado. A noção fundamental de experiência tem no seu componente corporal o elemento de ligação com a significatividade das expressões linguísticas. Sendo assim, entende-se que o significado se caracteriza em termos de corporalidade pelo realismo experimental. A mente humana atua na criação de realidades no domínio das instituições sociais.

A perspectiva cognitiva da linguagem não é nova, ao contrário do que alguns teóricos cognitivistas afirmam. Lakoff (1987) assinala uma longa tradição de estudo da linguagem em relação ao conhecimento, com três marcos principais anteriores ao séc. XX: a *hermeneia* (expressão ou, melhor, interpretação de um pensamento) de Aristóteles; a gramática

especulativa medieval dos modistas; e a gramática filosófica (*grammaire générale* ou *raisonné*) dos séculos XVII e XVIII. Com isso, faz-se notar as afinidades entre semântica cognitiva e a semântica histórico-filológica do último quartel do século passado e o primeiro do nosso século: ambas partilham de uma concepção “psicológica” e “enciclopédica” da significação; as duas concebem os conceitos lexicais como complexos polissêmicos flexíveis.

Em meio a tudo isso, evidencia-se que a linguística cognitiva é mais do que um simples regresso às posições tradicionais; a sua grande novidade reside no fato de a função cognitiva da linguagem passar a constituir o objeto de uma investigação sistemática e coerente.

O experiencialismo, teoria presente na semântica cognitiva, está fundamentado no realismo interno de Putnam e “é uma espécie de realismo epistêmico de fundamento kantiano e wittgensteiniano (de segunda fase) que se opõe ao que se tem chamado de realismo metafísico ou externalista” (FELTES, 1992, p.51). Se para o realismo metafísico o mundo existe independentemente da mente humana e das teorias por ela geradas, para o realismo interno, os signos não correspondem intrinsecamente aos objetos independentemente dos esquemas conceituais. A prática linguística é concebida sócio-culturalmente. Existe uma realidade independente de como os seres humanos a entendem, e essa realidade impõe restrições aos nossos sistemas conceituais.

Conforme o que vimos até aqui, é perceptível que a experiência física constrói o significado a partir de estruturas significativas. Vale ressaltar que essas estruturas são formadas por nível básico e por esquemas de imagens. Segundo Lakoff (*apud* GOMES, 2003), a capacidade de conceitualização (razão abstrata) consiste em três habilidades principais: (i) de formação de estruturas simbólicas; (ii) de projeção metafórica a partir de estruturas conceituais no domínio físico para estruturas conceituais no domínio abstrato; e (iii) habilidade para formar modelos cognitivos idealizados relativos a conceitos complexos e categorias gerais.

À luz da teoria cognitivista de Lakoff, infere-se que a proposta semântica deste teórico está situada no debate atual entre as tendências lógico-formais e cognitivistas no âmbito da linguística. Situa-se, pois, no contexto das mais complexas relações inter e multidisciplinares.

1.3.1 Metáfora

Ao adentrarmos um pouco numa perspectiva do campo das teorias da semântica cognitiva, iremos encontrar algumas explicações sobre o significado, levando em

consideração que o significado é construído a partir de estruturas conceituais convencionadas, e que as categorias mentais das pessoas são formadas através da experiência de cada indivíduo de crescer e agir no mundo. Existe um processo, ao qual todos os teóricos cognitivistas dão uma atenção especial: a *metáfora*.

Segundo Lakoff (1987), a metáfora é um elemento essencial para a nossa categorização do mundo e para nossos processos mentais. A metáfora tem sido vista como a forma mais importante de linguagem figurativa e está presente de maneira bastante ampla na linguagem literária e poética. Os cognitivistas afirmam que a metáfora faz parte também da linguagem cotidiana.

As metáforas nos permitem entender um domínio de existência em termos de outro. Para existir essa função, devem existir alguns tipos de conceitos básicos, alguns tipos de conceitos que não são entendidos de uma maneira totalmente metafórica, para servirem de domínio de fonte (LAKOFF & TURNER, 1989, p. 135).

Diante dessa abordagem, entende-se que a metáfora constitui uma influência sobre uma série de comportamentos linguísticos. Segundo Sweetser (1990), a metáfora é apontada de forma recorrente entre as línguas, que é o que entendemos por *mente/corpo*. Podemos tomar como exemplo as seguintes sentenças: *pegamos a ideia* ou *ele segurou seus pensamentos*. Seguindo a linha de raciocínio da autora, é notável que esse ponto de vista metafórico, em que as propriedades do físico são transferidas para propriedades da mente, tem uma influência considerável na história do desenvolvimento da polissemia e das palavras cognatas nas línguas relacionadas entre si.

CAPÍTULO II

2 PERCURSO METODOLÓGICO

2.1 PESQUISA BIBLIOGRÁFICA E DOCUMENTAL

Apresentamos nesta seção o percurso metodológico utilizado neste estudo para a realização da pesquisa e a elaboração do presente trabalho. Este estudo trata-se de uma pesquisa descritiva e analítica, de cunho bibliográfico e documental.

Para Gil (2002, p. 04), “a pesquisa bibliográfica é desenvolvida com base em material já elaborado, composto principalmente de livros e artigos científicos”. Nesta perspectiva, os livros se apresentam como sendo as fontes bibliográficas por excelência, os quais podem ser classificados como de leitura corrente (que abrangem as obras referentes aos diversos gêneros literários como romance, poesia, teatro e também as obras de divulgação que objetivam proporcionar conhecimentos científicos ou técnicos) ou de referência, denominados livros de consulta, que possibilitam a rápida obtenção das informações solicitadas ou a localização das obras neles contidas.

Para o referido estudo foram utilizados livros, tanto de leitura corrente, quanto de referência, a exemplo da obra **Eu e outras poesias** de Augusto dos Anjos, livros, artigos, dissertações e teses acerca dos estudos semânticos, **vocabulário poético do Eu**, dentre outros.

No que concerne à pesquisa documental, ainda de acordo com Gil (2002, p.05), ela possui bastante semelhança à pesquisa bibliográfica, cuja principal diferença entre ambas encontra-se na natureza das fontes, uma vez que o desenvolvimento da pesquisa documental segue os mesmos passos da pesquisa bibliográfica. Para o autor, "enquanto a pesquisa bibliográfica se utiliza fundamentalmente das contribuições dos diversos autores sobre determinado assunto", a pesquisa documental faz um levantamento de materiais que receberam ou não um tratamento analítico, "ou que ainda podem ser reelaborados de acordo com os objetos da pesquisa".

Procurou-se, neste estudo, pesquisar vários documentos a respeito da vida e obra de Augusto dos Anjos, como cartas, crônicas, entrevistas, reportagens e ensaios. Isso se fez necessário para que melhor compreendêssemos sua poética e os sonetos analisados no presente texto, já que sua poesia se apresenta, muitas vezes, como sendo uma poesia autodescritiva.

A escolha da obra *Eu e outras poesias* como fonte de pesquisa à execução deste estudo, justifica-se por este poeta ser de grande relevância para a literatura e a poesia brasileira; também para que pudéssemos analisar sua poética numa perspectiva semântica, uma vez que em nossas pesquisas observamos que a maioria dos estudos referentes a este autor contemplam apenas vertentes crítico-literárias.

2.2 BREVE CONTEXTO HISTÓRICO

Augusto de Carvalho Rodrigues dos Anjos nasceu em 28 de abril de 1884, no engenho Pau d'Arco (hoje atual cidade de Sapé), Paraíba. Filho de Alexandre Rodrigues dos Anjos e de Córdula Carvalho Rodrigues dos Anjos.

Figura 1: Proximidades do antigo Engenho Pau d'Arco



Fonte: Acervo pessoal do pesquisador

O poeta teve seus primeiros contatos com o mundo das letras desde seus anos iniciais. Segundo Urban (2009, s/p) “seu pai era homem ilustrado, dono de vasta biblioteca. Títulos de todos os gêneros incluíam os hinos sagrados do *Rig Veda*, cujo nome sânscrito significa “saber”, e o *Phtah-Hotep*, livro egípcio de sabedoria reputado à V dinastia, cerca de 2.400 a.C”.

A biblioteca existente na casa de Augusto dos Anjos, segundo Urban (2009,s/p) “dispunha de obras filosóficas, poesia, literatura clássica, códigos de direito, livros nacionais e obras importadas da Europa, escritas em todas as línguas latinas, inglês e alemão, além dos dicionários e das gramáticas de grego e latim”.

Seu contato com diversas áreas do conhecimento, mais tarde, iria levá-lo a uma investigação da origem das coisas, do universo, do segredo do cosmo e, até mesmo, da dor que dilaceraria sua alma durante toda sua existência terrena.

Figura 2: Igreja onde o poeta foi batizado



Fonte: Acervo pessoal do pesquisador

Em 1910, aos vinte e seis anos de idade, Augusto casa-se com Ester Fialho. Já formado e com o sentimento melancólico por conta da perda do pai e do empenhamento das terras do engenho Pau d'Arco, o poeta possuía de patrimônio apenas o diploma de bacharel em direito, no entanto, sobrevivia ministrando aulas.

O período de transição no Brasil entre o final do século XIX e a primeira metade do século XX se refletiu na vida e obra de Augusto dos Anjos. Se levarmos em consideração que o meio social influencia a arte, podemos dizer que a literatura também se manifesta através de fatores sociais.

Figura 3: Usina Santa Helena



Fonte: Acervo do Pesquisador

Diante de tamanha dificuldade financeira, Augusto resolve tentar a sorte no Rio de Janeiro, deixando para trás sua terra natal. Ao chegar a terras cariocas, o poeta encontra bastante dificuldade, chegando a passar necessidade e a morar em vários lugares diferentes

em pouco tempo. “O que mais lhe amargurava era a injustiça social, solícita em premiar os ruins, dourar as falcatruas, entronar os endinheirados e avaríssima com os honestos, os sonhadores, os retos de entendimento e de coração” (REIS, 1982, p.05).

É relevante ressaltarmos que do final do século XIX para a primeira metade do século XX, houve acontecimentos marcantes na história do Brasil e do mundo. Poderíamos destacar como acontecimentos internacionais marcantes nessa época a corrida imperialista pela disputa de territórios na África e na Ásia. No Brasil, é chegado o momento da abolição da escravidão (1888) e de grande ascensão econômica. Desta forma, erguia-se no país um cenário de esplendor e miséria, pois a disparidade social era imensa.

O Rio de Janeiro, capital do país na época, representava o núcleo da política nacional, ostentava *glamour*, estava sempre em consonância com a cultura e os costumes da Europa. Contudo, essa concentração de poder político e econômico escondia uma realidade onde prevalecia a dor, a miséria e o sofrimento. “Para se ter uma ideia completa da cidade, no entanto, é necessário conhecer a vida dos 'humildes'. João do Rio, cronista da vida elegante carioca, registrou também a vida do mendigo, do desempregado, do operário” (REIS, 1982, p.96).

Em outro trecho extraído da crônica “os humildes”, do cronista João do Rio, podemos perceber, de forma mais acentuada, essa triste realidade do Rio de Janeiro da época.

A greve! A greve é ainda mais anomalia entre nós, quando a exploração do capital é um fato tão negro como a Europa. Mas é que lá os humildes começam a se conhecer e aqui eles são tão pobres, tão tímidos, carne de bucha da sociedade, tão ignorados dela que se ignoram quase totalmente a eles mesmos (JOÃO DO RIO *apud* REIS, 1982, p.97).

A disparidade social existente no Brasil naquela época fazia de Augusto um poeta preocupado e triste com o mundo exterior. Ele via o sofrimento das camadas mais pobres, sofria e expressava seus sentimentos por meio de metáforas. Enquanto outros poetas construía suas rimas exaltando a nobreza brasileira, Augusto tirava a máscara da sociedade da época através da sonoridade dos seus versos.

2.3 AUGUSTO DOS ANJOS E SEU FAZER POÉTICO

A sua poética permeia por um universo misterioso, repleto de dúvidas, mágoa e anseios, com uma linguagem muitas vezes filosófica e científica. Não raras às vezes no decorrer de sua obra, nos deparamos com estrofes e até mesmo poemas autobiográficos, nos

quais Augusto descreve seus sentimentos reprimidos, seus dissabores, sua dor universal, seu sofrimento em relação às imperfeições da humanidade, seu horror a vida material, perecimento da matéria; e encontra, muitas vezes, no verme, uma forma de nos mostrar a realidade do fim da nossa existência física.

Augusto nasceu e se criou no engenho Pau d'Arco, na várzea do Paraíba. A paisagem bucólica da várzea, a quietude da vida na província, a sua própria vida sem problemas, estavam a fazer dele um lírico, inspirado na natureza e no amor, não fossem os conflitos espirituais que trazia do berço, agravados por outros que irromperam na idade perigosa, os quais o acompanhariam, como uma fatalidade, até o túmulo (ALMEIDA, 1960, s/p).

Augusto foi um poeta singular que não se vinculou a nenhuma escola literária, apesar de pertencer ao pré-modernismo. No entanto, possuía traços simbolistas e parnasianos. Os traços parnasianos se devem ao fato de Augusto ter utilizado técnicas lapidadas, típicas dos parnasianos, dando um brilho na maneira de versificar seus poemas.

Quanto ao simbolismo, ele buscou uma linguagem que pudéssemos criar ou sugerir a realidade, em vez de desenhá-la de forma tão literal. Para conseguir beber na fonte primordial do simbolismo, Augusto não poupou recursos simbólicos, imagéticos, metafóricos, sinestésicos, sonoros e cromáticos. Além de ter buscado inspiração na poesia de Baudelaire, poeta francês, que pintava os mais belos poemas, através do feio, do horrendo, da miséria, da prostituição e todas as mazelas do mundo mundano. Parece paradoxo, mas a poética de Augusto aborda todos esses aspectos que se relacionam, muitas vezes, com o lado sombrio da humanidade.

Desse movimento literário, Augusto também se utilizou de temas como misticismo, religiosidade, desejo de transcendência, integração com o cosmo, a subjetividade, o pessimismo, interesse pelo noturno e pela morte. É importante notarmos que em toda a obra augustiana há uma presença marcante da sinestesia, recurso estilístico típico do simbolismo. O poeta utiliza essa figura de linguagem em vários poemas, gerando grande efeito de sentido. Esse uso constante e proposital se deve ao fato de sua poética se construir por meio de uma investigação das origens, da natureza humana, de sua fuga da realidade, da degradação da matéria. Lembremos dos versos: “A cor do sangue é a cor que mais me impressiona/ E a que mais no mundo me persegue” (ANJOS, 2013,p.22).

Em sua poesia, o poeta paraibano está quase sempre retratando seu sofrimento, sua dor universal. Para ele, o homem é um “depósito” onde se guarda toda a tristeza do mundo.

“considera-se vencido, inconformado com a ideia de ser um dia roído pelos vermes” (ALMEIDA, 1960, s/p). Augusto dos Anjos enxergava a realidade com grande nitidez, no entanto, a realidade lhe causava agruras, dores e hipocondria, obrigando-o a navegar em barcos de tristezas, rumo ao seu imaginário poético, porque isso, talvez, lhe amenizasse a dor do existir.

Em meio a tanta tristeza e pessimismo que suscita esse eu lírico amargurado, poderíamos dizer que ele também possuía certa espiritualidade. O seu desapego com a matéria, sua repugnância às coisas supérfluas e materiais, mostra-nos isso. Sua frieza ao falar da putrefação faz com que leiamos nas entrelinhas de sua poesia, um Augusto espirituoso, que mostrava, através de metáforas, crença na transcendência espiritual.

[...] se nos detivermos mais serenamente sobre sua obra, encontraremos não obstante os termos difíceis por onde esbanja o cientificismo, toda uma mística que lhe serve de arcabouço, inequívoca função compensatória para o pessimismo declarado do poeta, sempre a questionar severamente o sentido de nossas vidas. Em alguns de seus sonetos e outras partes não tão popularizadas de seus versos, deparamo-nos com um caráter filosófico ocultista absolutamente singular em toda a literatura brasileira, com genuínas reflexões à moda esotérica, em versos sublimados por uma religiosidade espiritualista, voltados para a libertação e transcendência de nossa alma, que, no mais das vezes, vive atormentada (URBAN, 2000, s/p).

Augusto é muitas vezes incompreendido quando se refere ao amor. Alguns dizem que o poeta dizia não amar. Ao contrário disto, o poeta amava espiritualmente. Poderíamos, então, dizer que sua poética não apresentava uma crença no amor terreno. Ao lermos o poema “versos de amor”, o qual ele começa fazendo uma analogia do amor com uma cana azeda, que engana a todos aqueles que a provam, esperando sentir o doce sabor, para mais à frente dizer que o amor que ele quer e deseja, é o amor espiritual, substancial e fluídico, o amor que a gente pega e cuida, mas, no entanto, não está pegando; percebemos uma crença do poeta no amor sublime e puro, que transcende todo e qualquer desejo material.

Muitos estudos sobre Augusto lhe apontam como um poeta mórbido, frio, que desacreditava extremamente no amor. Alguns dos seus poemas, realmente, parecem-nos evidenciar isso. Todavia, ele era um poeta de grande altivez, dinâmico e criativo, que utilizou seu conhecimento para dar brilho a sua arte de fazer versos, inclusive versos de amor, mas não sobre o amor perecível que a humanidade inspira, e sim, sobre o amor que vai além das anomalias humanas.

Li o 'Eu' na adolescência e foi como se levasse um soco na cara. Jamais eu vira antes, engastadas em decassílabos, palavras estranhas como simbiose, mônada, metafisicismo, fenomênica, quimiotaxia, zooplasma, intracefálica... E elas funcionavam bem nos versos! Ao espanto sucedeu intensa curiosidade. Quis ler mais esse poeta diferente dos clássicos, dos românticos, dos parnasianos, dos simbolistas, de todos os poetas que eu conhecia. A leitura do 'Eu' foi para mim uma aventura milionária. Enriqueceu minha noção de poesia. Vi como se pode fazer lirismo com dramaticidade permanente, que se grava para sempre na memória do leitor. Augusto dos Anjos continua sendo o grande caso singular da poesia brasileira (DRUMMOND DE ANDRADE, 1984, s/p).

O contato de Augusto dos Anjos com a leitura, desde muito cedo, por intermédio do seu pai, fez com que ele desenvolvesse elevadas aptidões para falar de assuntos científicos, filosóficos e religiosos. Seu conhecimento raro e de vocabulário atípico em relação a toda literatura brasileira, explanou na sua poesia, através de cada termo, um mar de significados, por meio de temas transversais. Em sua poética podemos encontrar traços teosóficos, condensados através da filosofia, ciência e religião. Na teosofia, como sabemos, pretende-se uma investigação da verdade, da solução do sofrimento humano, por meio do núcleo que cada religião traz em si, a depender de suas culturas e costumes. Apesar de ter sido educado na religião católica, o poeta se emancipou bastante cedo dos vínculos dogmáticos do catolicismo. A partir disso, não se encontrava em nenhum vínculo religioso, apesar de ter certa simpatia pelo budismo, chegando a escrever um memorável soneto intitulado “budismo moderno”.

Figura 4: Memorial Augusto dos Anjos, Sapé - PB



Fonte: Acervo pessoal do pesquisador

O fato de não ter se prendido a nenhuma religião, nos parece evidente que Augusto não só conhecia as ideias teosóficas, como também usou elementos dessa natureza no seu fazer poético. Se levarmos em consideração na poesia augustiana uma dor do eu lírico com proporções universais, logo percebemos que o poeta parecia procurar um tipo de código

divino na essência de cada religião. Essa busca pela verdade eterna converge com a ideia de crença do poeta Augusto, que mesmo não seguindo as tradições religiosas da sua família, continuou buscando a essência do cristianismo, do taoísmo, do hinduísmo, do budismo, dentre outras doutrinas, tentando encontrar um prisma que refletisse uma unidade fraterna da humanidade, em harmonia com estruturas cósmicas, de modo que pudesse examinar o que ainda era desconhecido no universo, ou no seu próprio mundo interior.

Essa percepção singular que o poeta tinha sobre o mistério cósmico ainda nos aponta para duas vertentes filosóficas, bem exploradas em sua verve poética; que seria a ideia filosófica panteísta e monista.

É a concepção monística, segundo a qual a matéria e o espírito se unificam numa só substância, o que vale dizer, no princípio era a força. A mesma coisa, do ponto de vista metafísico, já havia dito, dezenove séculos antes, o vidente de Patmos: - No princípio era o Verbo (ALMEIDA, 1960, s/p).

O panteísmo prega a ideia de que Deus está presente em todo universo e em cada elemento. Dessa forma, Deus é único, no entanto, manifesta-se de várias formas. Augusto utilizou seu conhecimento panteísta no poema “Amor e crença” ao dizer: “Mas se queres saber sua grandeza / estende seu olhar a natureza / fita a cúpula do Céu santa e infinita”. Essa terceira pessoa a qual o poeta se refere é um ser divino e inteligível, responsável por toda grandeza e manifestação cósmica.

Figura 1: O tamarindo mencionado nos sonetos de Augusto dos Anjos



Fonte: Acervo pessoal do pesquisador

Ao finalizar esta seção do presente estudo, descrevendo um pouco a vida de Augusto dos Anjos e alguns traços essenciais que constituem sua poesia, não poderíamos fechar este

parágrafo de outra maneira, a não ser com algumas perguntas que permeia a poética augustiana: quem eu sou? O que sou? De onde vim? Para onde vou? Qual é minha origem? E a criação do universo?

Muitas vezes, o fazer poético augustiano se revela como respostas para essas perguntas por meio de uma visão monista. Neste viés, inferimos que o poeta paraibano tentou responder no caderno da alma a essas questões que, muitas vezes, lhe eram como espinhos perfurando seu íntimo. Augusto, talvez visse, através da mônada, algumas luzes que reluzissem no seu universo sentimental e amargurado. Ele, de certa forma, tinha consciência das causas primeiras que deram origem ao universo e a vida humana. Mas isso não era o bastante, ele tentou, acentuadamente, explorar caminhos misteriosos que explicasse o sofrimento da humanidade.

Destarte, cabe-nos, nas páginas que se seguem, atentarmos diante dessa percepção augustiana para a ideia de que estamos vivenciando uma experiência terrena, condicionados a um Eu maior. Esta visão unicista do poeta lhe levou a questionamentos que banharam sua poesia, que nos mostra uma realidade como um todo, unindo mente e corpo, espírito e matéria, por meio de uma inteligência suprema.

CAPÍTULO III

3 ANÁLISE DO *CORPUS*

3.1 O SENTIDO SUBJACENTE AO VERSO

A poesia de Augusto dos Anjos abrange não só os seus sentimentos amargos, mas também permeia por todo um contexto histórico-social. A sua poética se constitui do indivíduo para o social e do social para o indivíduo. Poderíamos ir além e dizer que sua visão poética-filosófica explana o mundo em relação ao universo e o universo em relação ao mundo.

O conhecimento de Augusto sobre diversos temas universais banha sua poesia de relevantes significados, tornando seus versos ricos não só em estética, mas, sobretudo, de sentido. Em seus versos surgem, não raras vezes, traços teóricos de grandes nomes consagrados como Hebert Spencer¹ e Ernst Haeckel². Com a obra do primeiro, Augusto teria aprendido a incapacidade de se conhecer a essência das coisas e compreendido a evolução da natureza e da humanidade. Com a obra do segundo, ele teria absorvido o conceito da *monera* como princípio da vida, e de que a morte e a vida são um puro fato químico; e da Bíblia, a qual não contestava sua essência espiritualista, usando-a para refutar, de forma poeticamente agressiva, muitas vezes, inspirado em ideais filosóficos. Esses pensamentos para o poeta, na sua realidade, seria a demonstração do mundo exterior.

A experiência de vida de Augusto se refletiria na construção da sua obra. A perda do pai, a angústia pelo seu primeiro filho natimorto, e tantos outros fatores empíricos vividos pelo poeta faz da sua poesia uma forma de expressão agônica. Seu método de empregar as palavras nos mais variados contextos necessita que tenhamos algum conhecimento prévio de mundo ou enciclopédico, para melhor entendermos o que subjaz aos seus versos.

As palavras na poesia augustiana ganham os mais diversos sentidos, enriquecendo o contexto de suas estrofes. Palavras como “tântalo”, “clepcidra”, “antropomorfismo”, “encéfalo”, “homo”, “panteísmo” e tantas outras adquirem outros invólucros significativos, ativando, pois, nossos processos cognitivos, emergindo proximidade entre o poeta e quem o lê.

¹ Herbert Spencer (1820-1903) importante filósofo inglês, representante do positivismo na Inglaterra. É considerado o fundador da teoria do darwinismo social.

² Ernst Haeckel, filósofo alemão da primeira metade do século XIX; foi um zoólogo evolucionista, considerado grande defensor da teoria de Charles Darwin.

Sua poesia causou insatisfação a alguns críticos literários da época. A crítica via com maus olhos seus versos, por avaliá-los como sendo versos de mau gosto. Mas Augusto, em momento algum, hesitou à sua forma de escrever. Percebe-se que sua poética expressa à dor imanente à realidade do Ser, mas um Ser insignificante em detrimento de uma força maior. Desta forma, entendemos que sua dor se manifestava partindo do particular para o geral e do geral para o particular. E isso fez com que carregasse consigo esse pessimismo crônico por toda vida, desde os seus primeiros anos, até sua morte.

Os seus dissabores lapidam o sentido da sua poética. Um eu lírico amargurado e sem perspectiva de desvendar o mistério das coisas sobrecarrega o poeta de mágoa, angústias, sentimentos carregados de tristezas; evidenciando-nos uma dor que vai além do indivíduo, metamorfoseando-se numa dor com proporções cósmicas.

Para uma melhor compreensão desta análise, dividimo-la em três categorias. Na primeira categoria apresentamos *animismo*, para a qual atribuímos os sonetos “A árvore da serra” e “A noite”; na segunda, investigamos um tema bastante recorrente na poesia de Augusto dos Anjos, o *químico e o biológico*, com o soneto “Psicologia de um vencido”; na terceira, trouxemos a categoria *manifestações cósmicas*, onde analisamos o soneto “Sonho de um monista”.

3.1.1 Primeira categoria: animismo

Nesta primeira categoria da análise do *corpus*, recorreremos ao **animismo**. No decorrer da história, grandes nomes da filosofia e da ciência se debruçaram sobre o estudo animista. Dentre eles podemos destacar o filósofo neoplatônico Plotino (204.d.c a 270.d.c) que acreditava num espírito Uno e transcendente.

Essa energia anímica, segundo esse pensamento, estava presente em tudo que há de material. A alma inicialmente cria a matéria para depois lhe dá forma. A alma dá forma à matéria iluminando-a. O mundo físico é, portanto, formas criadas pela alma. Já no século XVI, Giordano Bruno ganharia destaque no estudo animista. Influenciado por Plotino, ele afirmava que “Deus e matéria fazia parte de uma mesma substância” (COBRA, 1997, s/p).

Nos dois sonetos analisados, veremos que a natureza está em constantes transformações numa espécie de aperfeiçoamento. Nesta vertente, percebemos a infinitude do universo numa transmutação dinâmica e contínua, agindo do inferior para o superior e vice-versa; num movimento constante, por representar tudo numa única manifestação inteligível que se propaga através da infinitabilidade da vida.

Ao analisarmos a poesia deste poeta paraibano, cabe-nos um prévio conhecimento, seja conhecimento de mundo ou enciclopédico. Isso ativará nossos processos cognitivos, levando-nos a uma clara, ou pelo menos, relevante inferência da poética deste autor. Como já foram mencionados no decorrer deste estudo, destacam-se elementos marcantes na poesia augustiana, que se relacionam com química, biologia, esoterismo, religiosidade, filosofia, misticismo, teosofia, sociologia, mitologia, dentre outras áreas do conhecimento. Nesta categoria, cabe-nos uma investigação sobre a poética de Augusto dos Anjos acerca do animismo.

Quando falamos em animismo, estamos falando numa concepção filosófica, na qual, acredita-se não haver separação entre o mundo espiritual e material; e que almas e espíritos se emanam não somente através de seres humanos, mas também em animais, rochas, plantas e em várias entidades do meio natural.

O fato de Augusto utilizar seu conhecimento monista em vários dos seus poemas faz com que nós percebamos em sua lira traços unicistas perante a lei divina. O eu-lirico augustiano parece se manifestar através da existência de uma força única e sublime. Para o autor, após o perecimento da matéria densa que compõe o corpo físico, haveria a possibilidade de voltarmos à pátria da homogeneidade, integrando-nos ao cosmo e fazendo parte de um todo.

Ainda é possível constatar que nessa visão monista, fazemos parte de uma mesma formação. Que *Eu* estou no outro e o outro está em mim. Neste sentido, possuímos o mesmo brilho cósmico. “Deus pois almas nos cedros... nos junquinhos... / Esta árvore, meu pai, possui minh'alma” (ANJOS, 2013, p. 79).

Vamos à análise do poema "A árvore da serra", em que estudamos o sentido que subjaz a estrutura dos versos de Augusto dos Anjos, um dos maiores poetas brasileiros, que procurava alívio para suas dores internas e universais através de poemas agônicos, substanciando, assim, a estética e o sentido de suas estrofes.

A ÁRVORE DA SERRA

— As árvores, meu filho, não têm alma!
E esta árvore me serve de empecilho...
É preciso cortá-la, pois, meu filho,
Para que eu tenha uma velhice calma!

— Meu pai, por que sua ira não se acalma?!
Não vê que em tudo existe o mesmo brilho?!
Deus pôs almas nos cedros... no junquilha...

Esta árvore, meu pai, possui minh'alma! ...

— Disse — e ajoelhou-se, numa rogativa:
«Não mate a árvore, pai, para que eu viva!»
E quando a árvore, olhando a pátria serra,

Caiu aos golpes do machado bronco,
O moço triste se abraçou com o tronco
E nunca mais se levantou da terra!

(ANJOS, 2013, p. 79)

No poema, as palavras ganham uma roupagem significativa que vai além da estrutura linguística. Para que melhor compreendamos o sentido dos versos, partiremos para o contexto em que estão inseridas algumas palavras empregadas pelo poeta. Começemos a análise com a seguinte pergunta: a temática deste soneto está relacionada a questões ecológicas ou se relaciona com um amor que teve um final trágico?

Segundo Almeida (1962, s/p),

A bem amada já havia cedido o seu amor ao poeta. Por ser uma jovem de condição humilde, um junquilha entre cedros, o pai austero, orgulhoso de sua estirpe ou premido pela família, determinou ou concordou tirar para sempre da presença do filho aquela flor silvestre, que o tinha preso aos seus encantos, crendo que, com o desaparecimento do empecilho, pudesse ter uma velhice calma.

Um dos caminhos para começarmos a interpretação deste poema é que, possivelmente, os pais do poeta por não aceitarem o relacionamento de Augusto com uma moça de classe social diferente, teriam tentado de todas as formas impedirem que esse relacionamento íntimo não se propagasse, chegando a ordenarem que seus empregados punissem a moça com violentas agressões físicas. Essas agressões teriam causado a morte dessa jovem.

Neste momento, é relevante atentarmos para o fato de Augusto ser contemporâneo do fim da escravatura no Brasil, que ocorreu em 1888. Lembremos também que o poeta fazia parte de uma família nobre que possuía engenhos. Esses fatores nos levam a constatar que Augusto utilizou seu conhecimento em relação ao trabalho escravo dos negros nos engenhos para substanciar as metáforas que constitui este soneto.

A referência contida na palavra *árvore* possivelmente nos remeta a uma interpretação plausível da mensagem do eu lírico. Neste caso, quando o poeta utiliza metaforicamente esta palavra, ele pode estar se referindo a um ser humano do sexo feminino. Desta forma,

entendemos, neste início de análise, que há uma relação de sentido entre a expressão linguística *árvore* e seu referente no mundo (a jovem).

O primeiro verso ("As árvores, meu filho, não têm alma") parece nos mostrar que, numa época escravocrata, os negros escravizados não eram tratados como seres humanos, e sim, como objetos manipuláveis. O verso permite essa leitura na medida em que a palavra *árvore*, numa perspectiva metafórica, faz alusão a uma moça de família de escravos. Vemos, também, a expressão "árvore" fazendo referência a uma época escravocrata.

No segundo verso ("E esta árvore me serve de empecilho..."), é possível entendermos que a "árvore" (a moça) seria uma vergonha para a família do poeta, já que é utilizado nesse verso o item lexical *empecilho*, no sentido de impedimento. Aqui é pertinente focarmos na construção do poema. O eu lírico, na primeira estrofe, manifesta-se, possivelmente, na fala do pai de Augusto. O sentido do segundo verso, portanto, diz respeito ao constrangimento por parte da família. Vemos a palavra "empecilho" no sentido de interromper a paz familiar devido a preconceitos sociais.

No terceiro verso do primeiro quarteto ("É preciso cortá-la, pois, meu filho") aparece a palavra *cortar*, com o sentido de tirar a amada da vida do poeta. O quarto verso ("Para que eu tenha uma velhice calma!") consolida o sentido do terceiro, já que, ao cortar a árvore, a paz e a tranquilidade reinariam perante a sociedade.

O segundo quarteto é iniciado com outra voz ("Meu pai, por que sua ira não se acalma?!"), o eu lírico se manifesta através da possível representação do próprio Augusto, que nos mostra uma homogeneidade humana perante as leis universais. No sexto verso ("Não vê que em tudo existe o mesmo brilho?!"), percebemos uma construção poética unicista, perante o entendimento augustiano. O brilho, ao qual o poeta se refere, parte de uma única energia cósmica que se manifesta através da matéria. No sétimo verso ("Deus pôs almas nos cedros... no junquilha..."), o eu lírico reforça essa ideia, de que nós existimos a partir de um todo. Somos pequenas centelhas que integram a grandeza do universo. A palavra Deus, nesse contexto, adquire o sentido de uma inteligência única e suprema.

Portanto, concluímos que o eu lírico fecha o segundo quarteto com certa concepção monista, visto que, nessa linha filosófica, fomos criados a partir de uma única força suprema, fazemos parte de uma mesma formação, somos homogêneos, compondo, junto com todos os tipos existentes de matéria, a estrutura do cosmo.

No primeiro verso do primeiro terceto ("— Disse — e ajoelhou-se, numa rogativa:"), percebemos a súplica do eu lírico para não tirarem a vida da musa; "não mate a árvore" (a moça), "pai, para que eu viva". O verso seguinte, ("E quando a moça olhando a pátria serra")

nos dá indícios de que essa jovem pertencia à região paraibana, já que o poeta utiliza um gentílico “pátria serra”. Poderíamos associar essa expressão com a “serra da Borborema”, região integrante da Paraíba. No último verso do primeiro terceto (“E quando a árvore, olhando a pátria serra”), a voz do narrador é de terceira pessoa, levando-nos a crer que o eu lírico se coloca no ambiente onde ocorrera a cena.

No primeiro verso do último terceto (“E quando a árvore, olhando a pátria serra”), a expressão “machado bronco” assume o sentido de chibata ou algum instrumento utilizado na tortura. No penúltimo verso (“O moço triste se abraçou com o tronco”), poderíamos concluir que o eu lírico augustiano (o moço triste) aparece para abraçar sua amada morta. Temos a expressão “moço triste” fazendo referência ao eu lírico; dando mais ênfase ao sentido do poema.

É perceptível, aqui, fortes traços da semântica formal; já que, neste caso, podemos perceber uma construção de sentido por meio da expressão “moço triste” e da representação do eu lírico manifesto na imagem de Augusto dos Anjos, como sendo um só referente no mundo.

O item lexical *tronco*, no penúltimo verso do soneto (“O moço triste se abraçou com o tronco”) mostra de forma conotativa a própria moça morta pelos golpes do machado, levando o poeta a se abraçar com a morte e não mais se levantar da terra.

No último verso, é perceptível a dor cruciante da poesia augustiana que não mais se curara desta ferida que atormentava sua alma: ele “nunca mais se levantou da terra!”. A terra, sua constituição química e biológica, referência de morte, último abrigo da matéria humana, passa então a nutrir, semanticamente, o sentido da poética de Augusto dos Anjos neste soneto.

A leitura nas entrelinhas da poética desse vate também se envereda em processos cognitivos suscitados pelas unidades linguísticas. É evidente a fonte dos efeitos de prototípicos que, segundo Lakoff (*apud* GOMES, 2003), “são modelos cognitivos idealizados que estruturam espaços mentais. Entendemos por esses modelos a forma e o conteúdo imanentes à realidade, a partir de formas de estruturas.” Estas estruturas podem ser dicotomizadas em dois grupos: diretamente significativas e indiretamente significativas. Por diretamente significativa, entende-se como os conceitos básicos e esquemas de imagens cinestésicas originadas das experiências física e social. As indiretamente significativas, por sua vez, são representadas nas projeções metafóricas e metonímicas, que permitem conceitualizações de domínios abstratos e metafóricos.

Disso decorre o fato do *Eu* augustiano constituir um vasto campo de significados. A obra causa, até hoje, certo “espanto” nos leitores, por sua profundidade e constante referência

à morte e as imperfeições humanas. Este estranhamento se deve ao fato dos seus poemas apresentarem expressões que até então não eram utilizadas na poesia brasileira.

O próximo poema a ser analisado se constitui de significados exuberantes, onde Augusto dos Anjos, através de sua experiência ao observar as transmutações divinas, apresenta-nos inúmeras metáforas. Por meio de sinestésias, vocabulário exótico e a referência que cada item lexical faz através do seu imaginário poético, ele nos lança, por meio de imagens metafóricas, em mundos fantasiosos e cheios de mistérios. Vamos ao soneto:

A NOITE

A nebulosidade ameaçadora
Tolda o éter, mancha a gleba, agride os rios
E urde amplas teias de carvões sombrios
No ar que álaque e radiante, há instantes, fora.

A água transubstancia-se. A onda estoura
Na negridão do oceano e entre os navios
Troa bárbara zoadá de ais bravios,
Extraordinariamente atordoadora.

À custódia do anímico registro
A planetária escuridão se anexa...
Somente, iguais a espíões que acordam cedo,

Ficam brilhando com fulgor sinistro
Dentro da treva onímoda e complexa
Os olhos fundos dos que estão com medo!

(ANJOS, 2013, p. 149)

O título do poema, “A noite”, já nos dá pistas para conhecermos o significado deste memorável soneto. Em um pessimismo típico do fazer poético de Augusto, vemos o item lexical *noite*, no sentido de algo sinistro, misterioso, que assombra o eu lírico. Adentremos na análise do primeiro verso com a concepção que o poeta teria presenciado esse episódio, de maneira que utiliza sua experiência de observar esse fenômeno natural para dar sentido aos seus versos.

Observemos o substantivo *nebulosidade* e o adjetivo *ameaçadora*, no primeiro verso (“A nebulosidade ameaçadora”); percebe-se um eu lírico temeroso. A fração do céu coberta pelas nuvens escurecia o horizonte, gerando uma imagem sombria que ameaçava e causava medo ao eu lírico, que observava de algum lugar, na sua solidão. Do primeiro para o segundo verso, vemos um encadeamento, no qual a causa (“nebulosidade ameaçadora”) vai gerar o

sentido do segundo (“Tolda o éter, mancha a gleba, agride os rios”), terceiro (“E urde amplas teias de carvões sombrios) e quarto verso (“ No ar que álaçre e radiante, há instantes, fora”).

Atentemos para os itens lexicais do segundo verso (“Tolda o éter, mancha a gleba, agride os rios”). O vocábulo *tolda*, neste contexto, é empregado como verbo da terceira pessoa do singular do modo indicativo, no sentido de cobrir o horizonte. O termo *éter* está empregado com o sentido de algo luminoso, reluzente, já que *éter* seria, numa visão científica, o meio de propagação da luz. A palavra *gleba* aparece, não por acaso, visto que esse termo é sinônimo de *torrão* que, por sua vez, significa terreno para cultivar, ou gleba rural.

É relevante ressaltarmos a experiência do poeta em meio ao campo, as lavouras, a cana-de-açúcar. Essa experiência do autor com o ambiente se converte em metáforas, emergindo sentido, justificando o que vimos até aqui a respeito da semântica cognitiva.

O terceiro verso (“E urde amplas teias de carvões sombrios”) se constitui de "forma mágica". Investiguemos os seguintes termos: *urde*, *teias* e *carvão*. O verbo *urdir* aparece no sentido de tecer, juntar fios enlaçando. O eu lírico parece ver nos céus uma espécie de tear maléfica, já que a escuridão lhe trazia medo. O item lexical *teia*, aparece não como um conjunto de fios de seda tecidos pela aranha. Este item, neste contexto poético, faz referência a algo abstrato, que poderíamos associar o significado com algo hostil que atormentava o eu lírico. A palavra *carvão* também ganha outro invólucro significativo. Este item, neste contexto, não traz o seu sentido concreto e literal, como sendo uma substância alcançada a partir da queima de madeira. É relevante frisarmos que Augusto, provavelmente, abstraiu a ideia de *carvão*, por ter presenciado, na época do engenho, o processo de fabricação dessa substância escura, a qual ele compara a noite sombria, emergindo, assim, uma conotação significativa.

O primeiro quarteto é cerrado com o sentido retrógrado. O eu lírico descreve um céu que há poucos instantes fora reluzente e límpido. O poeta emprega o termo *álaçre*, no sentido de um espaço cheio de vida e alegre. Todo esse escuro que agora paira no horizonte parece navalhar a alma do eu lírico, refletindo uma imagem de morte.

A segunda estrofe do poema é iniciada com a mesma construção imagética do primeiro quarteto. Ao verificarmos atentamente o enunciado *A água transubstancia-se* (primeiro verso do segundo quarteto), iremos perceber que a água continua no seu estado normal. Aqui, o sentido se constrói pelo fato da água parecer escura, e não transparente e clara. Também, é pertinente atentarmos para o uso da sinestesia que o poeta utiliza como mecanismo metafórico, dando mais brilho à construção do poema.

Do quinto para o sexto verso, há um encadeamento. Augusto faz uma descrição do barulho das ondas, a bater na *negridão* dos oceanos e entre navios. O termo em destaque aparece com o sentido de escuridão. No sétimo verso (“Troa bárbara zoada de ais bravios”), o poeta emprega o verbo *troar*, reforçando o tema central do poema, que se relaciona com um episódio assustador para o eu lírico. Aquele cenário ecoava sons aflitos, causando pavor à alma do poeta. No último verso do segundo quarteto o eu lírico reforça seu espanto diante de toda aquela cena anímica que a natureza coordenava, ao construir o verso “*extraordinariamente atordoadora*”. O segundo quarteto é fechado de forma genial. O último verso que encerra a estrofe é composto com apenas duas palavras, formando um verso alexandrino. Esse recurso técnico é constantemente utilizado por Augusto em vários outros poemas

O primeiro verso do primeiro terceto (“À custódia do anímico registro”) nos dá a ideia do mistério do universo. O termo *anímico* faz referência a algo imaterial, transcendente, não visível aos olhos do homem. Também entendemos por meio do termo *anímico*, uma alma sublime e inteligível que se manifestava através de todo aquele cenário contínuo e perfeito. No segundo verso do primeiro terceto (“A planetária escuridão se anexa...”), ele reforça essa ideia, ao dizer que essa escuridão está anexada com uma inteligência suprema.

O último verso do penúltimo terceto (“Somente, iguais a espíões que acordam cedo”) vai introduzir o sentido da última estrofe do poema. É importante observarmos que a construção do sentido vai se dar do geral para o particular.

O primeiro verso do último terceto apresenta um brilho sinistro, cavernoso, obscuro, por parte do eu lírico. O sentido deste verso se acentuará por meio do penúltimo verso, no qual Augusto usa a expressão *treva onímoda*, ou seja, várias formas de existência, numa perspectiva ilimitada. E conclui o poema com uma expressão que poderíamos associar ao próprio eu lírico augustiano.

É relevante percebermos que o sentido do antepenúltimo verso está inserido na última linha do poema, pois, se algo brilha, é evidente que haja uma denominação para o que está brilhando, que no caso, o brilho se reflete nos olhos do próprio poeta, ao observar todo esse cenário natural. Neste caso, Augusto utilizou, nesse verso, um recurso catafórico, deixando mais claro o sentido e dando mais força ao significado de sua poética.

3.1.2 Segunda categoria: o químico e o biológico

A investigação da origem da vida, a inquietação diante do mistério da morte e a visão cósmica e universal, refletiram constantemente nos ideais poéticos de Augusto dos Anjos. Nascido em um século onde a ciência aparecia como uma grande e benfeitora para a humanidade, o poeta parecia sentir os impactos advindos de descobertas científicas, trazidas pelo homem. Como já evidenciamos, dois nomes, dentre vários, ganham destaque na sua poesia: Haeckel e Spencer.

Na teoria evolucionista, Augusto encontrou uma visão de mundo que foi disseminada de forma melancólica no seu pessimismo. Essa doutrina que concebia a vida como originária de uma combinação de moléculas por geração espontânea, que via o homem como estágio da evolução da vida, a partir de micro-organismos simples e passando por plantas e animais, influenciaria o seu fazer poético. A maneira que o eu lírico augustiano se apropriava do uso de termos científicos no decorrer dos seus poemas, sua angústia se torna cada vez mais crônica. Isso porque, se bem analisarmos, nessa perspectiva da visão de mundo de Augusto, iremos perceber que o corpo humano não passa de uma grande quantidade de células em apodrecimento/decomposição, em direção à morte, em direção ao nada.

O tema da morte é uma constante em sua poética. O próprio fato do existir já prenuncia o fim da batalha do homem. Poderíamos deduzir que a vida, para Augusto, se passasse apenas no plano espiritual, se levamos em consideração que o nosso corpo faz com que nós tenhamos consciência de que nos encaminhamos para o nada, para a decomposição, para o fim da orgânica batalha. Esta batalha, referida pelo poeta, faz-nos entender o que seria a batalha humana, com proporções universais. Essa luta, para ele, só teria fim quando o húmus estraçalhasse o corpo, deixando-nos a mercê do verme, o qual o poeta denomina metaforicamente operário das ruínas.

A preocupação, a dor, o pessimismo, o horror à vida, a atração pela morte, constitui a problemática da poética augustiana. O eu lírico nos apresenta uma espécie de mártir da circunstância de tudo que degrada o ser humano. Constantemente, os seus versos são compostos por palavras e expressões biológicas como diafragma, bÍlis, escarro, putrefação, mosca, urubu, tacto, visão, ouvido, olfato, sabor. As palavras e expressões químicas também foram uma constante na poesia de Augusto, dentre várias, podemos destacar: molécula, carbono, amonÍaco, monera, húmus. Ele se expressava com as palavras necessárias, dando a elas sentidos ao que ele queria dizer sobre o ser humano e a realidade do universo. Podemos dizer que a sua poesia possui a força violenta da palavra, pelo fato de que cada item lexical

assume, nos seus poemas, vários sentidos que sistematizam nossa cognição, através de metáforas, intermediando-nos a fatores relacionados às imperfeições humanas.

A temática que percorre a poética de Augusto quase sempre nos mostra uma visão pessimista da existência humana, espelha a alma do homem destinada ao sofrimento, revela um espaço sombrio e tenebroso, em que não há espaço para a felicidade. No entanto, talvez fosse possível a cessação do sofrimento através da transcendência. Vamos à análise do soneto:

PSICOLOGIA DE UM VENCIDO

Eu, filho do carbono e do amoníaco,
Monstro de escuridão e rutilância,
Sofro, desde a epigênese da infância,
A influência má dos signos do zodíaco.

Profundissimamente hipocondríaco,
Este ambiente me causa repugnância...
Sobe-me à boca uma ânsia análoga à ânsia
Que se escapa da boca de um cardíaco.

Já o verme - este operário das ruínas-
Que o sangue podre das carnificinas
Come, e à vida em geral declara guerra.

Anda a espreitar meus olhos para roê-los,
e há de deixar-me apenas os cabelos,
Na frialdade inorgânica da terra!

(ANJOS, 2013, p.16)

Como vem sendo salientado, são vários os temas apresentados por Augusto dos anjos no decorrer de sua poética. São constantes os termos que revelam a putrefação da matéria, cemitério, cadáver, urubus, morte, em que a imagem do verme, que declara guerra à vida, suscita um mal estar catártico, levando-o a constatação da fragilidade da vida e do destino de toda existência humana. O mundo de Augusto, muitas vezes, é representado pelo caos, pela desordem, por um pesadelo difícil de despertar, restando-lhe apenas um carrossel de dissabores e sofrimento.

Ao adentrarmos na análise do poema acima, à luz dos estudos semânticos, logo inferimos que o tema do soneto está diretamente relacionado com o pessimismo, a degradação, a putrefação do corpo humano, morte, fim da identidade biológica e retorno à pátria da homogeneidade. Convém-nos acentuar a presença do vocábulo científico como em *carbono* e *amoníaco*. Comentemos o sentido geral dos versos.

Começamos a análise do soneto com a definição de *carbono*. Segundo o Vocabulário Poético do Eu. S.m (Quim.) Elemento de número atômico 6, cristalino (grafita ou diamante), capaz de formar extensas cadeias de átomos e que constitui dezenas de milhares de compostos (Simb.:C). Ocorre em todos os compostos orgânicos (ABH, AO) (SILVA & OLIVEIRA, 1986, p. 43).

O eu lírico ao declarar-se filho do *carbono* e do *amoníaco* parece nos dizer que é filho da matéria no seu sentido essencial, pioneiro, genético, talvez uma consciência do sopro divino, ou manifestação de uma inteligência sublime em tudo que há de matéria. *Amoníaco* “S.m. (Quim.) Gás incolor, com cheiro característico e pungente, muito solúvel em água, sintetizado a partir do nitrogênio e do hidrogênio, com importantes e variadas aplicações” (SILVA & OLIVEIRA, 1986, p.43). É relevante observarmos que o quarteto introdutório do poema está construído na primeira pessoa do singular do modo indicativo, evidenciando-nos uma autodescrição poética do eu lírico.

Percebemos aqui uma forte influência esotérica na construção do sentido dessa expressão. Já que se ativarmos nosso conhecimento prévio e assimilarmos o conceito de mônada, iremos inferir que o eu lírico reforça a ideia da “presença do eu sou”, e que cada mônada é o espelho límpido do universo; que nascemos de um todo para nos tornarmos individuais; não obstante, deixaremos, um dia, a individualidade para nos tornar um todo.

Na primeira estrofe, o eu lírico se remete a um fato da infância que se estende até o presente. Profundamente pessimista em relação à vida corpórea, tem em si mesmo a visão de ser apenas um conjunto de substâncias químicas (“Eu filho do carbono e do amoníaco”) cujo destino, através do desenvolvimento do poema, é a morte e a decomposição: retorno ao princípio, ou a fusão da centelha individual com as infinitas centelhas cósmicas.

No segundo verso da primeira estrofe (“monstro de escuridão e rutilância”), percebemos que a palavra “monstro” se refere à depreciação do eu lírico que prenuncia elementos cognitivos da temática do poema: é a extinção total do Eu. Para Augusto dos Anjos, o ser humano não é de natureza boa, é de natureza má, em que é preciso esforço para que se produza bondade. O que sugere conexão com a física: a bondade seria o resultado de um estímulo (esforço) da/na matéria humana, sem esse movimento manter-se-ia a inércia, a morte.

Notamos ainda, na primeira estrofe, duas palavras que fazem referência a um mesmo indivíduo no mundo: *Eu* e *monstro*. Podemos perceber que nesse contexto poético e metafórico há uma relação de sentidos entre os itens lexicais *eu* e *monstro*, cujas palavras apontam para um mesmo referente no mundo, que podemos interpretar como sendo referente

ao próprio eu lírico augustiano. Percebemos também relações semânticas entre itens lexicais. As palavras *escuridão* e *rutilância* estão em sentidos opostos, como sendo palavras antônimas, suscitando notável efeito de sentido.

No terceiro verso da primeira estrofe (“sofro, desde a epigênese da infância”), deparamo-nos com uma das primeiras propriedades do eu lírico: ele SOFRE. O verbo “sofrer” pode dar indícios significativos relacionados à doutrina budista, já que o “sofrimento” substancia as lições búdicas, constituindo as quatro nobres verdades; que podemos entender como o existir do sofrimento, a causa do sofrimento, a cessação do sofrimento e, por último, o caminho que leva a cessação do sofrimento. Segundo Okawa (2013), Sidarta Gautama (Buda) buscou respostas para os quatro grandes sofrimentos: nascimento, envelhecimento, doença e morte. Este sofrimento, imanente a poesia augustiana, decorre desde a formação da **epigênese** (teoria da formação dos seres por processo gradual). No último verso do primeiro quarteto (“A influência má dos signos do zodíaco”), o sentido presente na sua poética chega a um nível cosmológico, universal. Entende-se que até os astros estão contra o eu lírico, tornando-o refém de uma dor difícil de ser curada.

No primeiro verso da segunda estrofe (“Profundissimamente hipocondríaco”), percebemos um eu lírico doentio, já que hipocondria é uma palavra hipônima de doença. Atentemos, ainda, para a palavra *profundissimamente* (neologismo), designando o sentido de modo e intensidade ao mesmo tempo. Também é importante atentarmos para a genialidade do poeta, pois ele consegue dar sentido e métrica ao verso, utilizando apenas duas palavras: *profundissimamente hipocondríaco*.

O fascínio de Augusto dos Anjos por termos biológicos na construção dos seus versos nos leva a crer que, muito antes de entendermos Augusto como um poeta que tinha atração pela morte, ele tinha certo horror à vida corpórea. O seu conhecimento relacionado ao corpo humano explicita isso. Observemos, por exemplo, as palavras *hipocondríaco*, *ânsia* e *cardíaco*, na segunda estrofe. Essas expressões utilizadas pelo poeta nos revela uma concepção mórbida do homem. Foquemos, ainda, na palavra *ambiente*, este item lexical, nesse contexto, possui o sentido de “ambiente-mundo”, e não um determinado ambiente em particular. Seria o mundo agindo de forma dolorosa na vida do ser humano.

No primeiro verso do primeiro terceto (“Já o verme - este operário das ruínas”) vemos uma analogia do verme com o próprio homem. Essa inferência se dá por meio do item lexical “operário”, que por sua vez, significa trabalhador, levando-nos a perceber um atributo humano à figura do verme. Augusto sempre costumava atribuir características humanas a animais, e características animais ao ser humano, recorrendo, constantemente a ideia de

antropomorfismo e zoomorfismo. Portanto, o sentido desta estrofe se consolida no último terceto. Já que todos nós perderemos a batalha para o verme, que anda sempre a nossa espreita, na certeza de que sucumbiremos a ele.

Augusto dos Anjos sofreu por ter constatado de forma empírica, uma dor que se manifestava no seu mundo interno e no mundo à sua volta. O poeta interagia com o mundo através de expressões linguísticas não muito usuais, que teciam o sentido dos seus versos. Mediante sua ação linguístico-literária, empregava significado às construções do pensamento humano de natureza cognitiva e social.

O próximo poema a ser analisado é, sem dúvida, um dos poemas mais complexos de toda a poesia que banha o eu lírico augustiano. Já foi mencionada no capítulo anterior, no que se refere a Augusto e seu conhecimento filosófico, a teoria da mônada, a qual está relacionada com todo componente básico de qualquer realidade física ou anímica, caracterizada por um sopro divino, imaterial, que se constitui em algo sublime e eterno.

3.1.3 Terceira categoria: manifestações cósmicas

Apresentamos esta categoria com a concepção de uma realidade única, onde mente e corpo, espírito e matéria se harmonizam, constituindo um todo, integrando uma inteligência suprema que, por sua vez, chamaremos de mônada. O monismo, já conhecido na era pré-socrática, objetivava designar teorias filosóficas que defendiam a unidade da realidade única. Assim, consideravam a existência de uma única coisa. Diante disto, entendemos o significado de mônada como sendo substância, ou o fato de uma coisa ser aquilo que é e que estrutura o indivíduo, modelando a substância individual.

O próximo soneto a ser analisado nos mostra traços enigmáticos da poesia augustiana, a começar pelo título do poema “Sonho de um monista”. Augusto não media esforços para tratar de temas tão complexos. Além disso, evidencia-nos segurança e coerência para versejar a complexidade dos mistérios do universo.

Um dos fatores primordiais para que este soneto fosse analisado neste estudo, diz respeito não só ao tema, mas também ao vocabulário utilizado pelo poeta em cada um dos 14 versos que compõe este poema. Veremos na análise que cada item lexical que constitui os versos mostra-nos uma grande proporção de significados variados, emergidos da estrutura da palavra, da referência dessas estruturas no imaginário do autor e da experiência de mundo do poeta que, não raras vezes, está em consonância com o que nós, como interlocutores, conhecemos no decorrer de nossas vidas. Vejamos o poema:

SONHO DE UM MONISTA

Eu e o esqueleto esquálido de Ésquilo
 Viajávamos, com uma ânsia sibarita,
 Por toda a pró-dinâmica infinita,
 Na inconsciência de um zoófito tranquilo.

A verdade espantosa de Protilo
 Me aterrava, mas dentro da alma aflita
 Via Deus – essa mônada esquisita –
 Coordenando e animando tudo aquilo!

E eu bendizia, com o esqueleto ao lado,
 Na guturalidade do meu brado,
 Alheio ao velho cálculo dos dias,

Como um pagão no altar de Proserpina,
 A energia intracósmica divina
 Que é o pai e é a mãe das outras energias!

(ANJOS, 2013, p.38)

No primeiro verso, além da palavra *esqueleto*, o poeta utiliza dois itens lexicais curiosos: *esquálido* e *Ésquilo*. O primeiro termo do verso mencionado nos dá a impressão de que o eu lírico se revela como um ser destruído, pálido, sem vida, já que *esquálido* é sinônimo de cadavérico. Se olharmos por outro ângulo, também é possível constatar que o poema nos mostra uma ideia contrária à ideia convencional de que a vida é sempre bela, e que cada ser humano está mais para a vida do que para a morte. O eu agônico nesse primeiro verso nos parece estar mais para a morte do que para a vida.

O termo *Ésquilo*, empregado no primeiro verso, faz referência a um grande dramaturgo grego, considerado, por alguns, o pai da dramaturgia. Talvez essa palavra não ganhasse sentido nesse contexto se não houvesse um referente no mundo. A partir do momento que identificamos objetos, indivíduos ou entidades no mundo, o sentido emerge para que melhor compreendamos o que lemos. Ainda é possível perceber mais uma construção de sentido através deste item lexical, já que Augusto utiliza *Ésquilo* como metonímia para tragédia, constituindo um eu lírico contracenando com a morte.

No segundo verso (“Viajávamos, com uma ânsia sibarita”), a palavra *sibarita* aparece no sentido de mundo mundano, material; visto que esse adjetivo pátrio faz referência a Síbaris, antiga cidade grega, onde seus habitantes prezavam os regalos, os luxos e o prazer sexual. Essa referência que o item lexical *sibarita* nos mostra, substancia o significado do

verso, evidenciando alguns elementos que compõem o campo semântico do tema central do poema.

O terceiro verso (“Por toda a pró-dinâmica infinita”) do soneto vislumbra uma viagem através do infinito ou natureza divina. O adjetivo “infinita” ganha, nesse contexto poético, o sentido do sublime, do etéreo.

No quarto verso do primeiro quarteto (“Na inconsciência de um zoófito tranquilo”) termos: *inconsciente*, *zoófito* e o adjetivo *tranquilo*. No primeiro termo, encontramos uma característica do simbolismo. Augusto empregou em vários poemas, diversos traços desse movimento literário, já que os simbolistas eram contrários aos realistas; estes, com uma visão objetiva, aqueles, com um olhar imaginário e subjetivo. No segundo termo encontramos *zoófito* que, neste contexto, não designará seu sentido literal, como sendo palavra que nomeava corais, esponjas e medusas. Aqui, a palavra surtiu o sentido metafórico de onirismo, ou mundo surreal, constituindo uma forte visão subjetiva do poeta, que nos mostra, através do seu imaginário poético, e de seu vocabulário, domínio e técnica de construir versos com proporções semânticas relevantes.

No primeiro verso do segundo quarteto (“A verdade espantosa de Protílo”), há certa hostilidade do eu lírico em relação à matéria, já que *protílo* venha ser, hipoteticamente, na alquimia, a matéria primeira, da qual se constitui os corpos. Aqui, vemos o eu lírico agindo sobre algo, neste caso, a matéria de *protílo*.

No sexto verso do poema (“Me aterrava, mas dentro da alma aflita”), atentemos para o conectivo coordenado *mas* que aparece com o sentido contrário a ideia expressa no verso anterior, em relação à *protílo*. Esse sentido de oposição nessa passagem implicará no verso seguinte (“Via Deus – essa mônada esquisita –”) em um eu lírico unido a algo divino e transcendental. É pertinente salientarmos a visão unicista de Augusto dos Anjos. Nessa passagem do poema, ele via Deus em sua alma aflita; se esse Ser supremo estava em sua alma aflita, implica dizer que sua alma possui a essência de Deus, e que essa inteligência sublime é única, porém, manifesta-se de várias formas, inclusive através do próprio homem. Diante disto, infere-se que Deus não tem imagem, mas o homem possui características de Deus.

Ainda sobre o sétimo verso do soneto, “Via Deus – essa mônada esquisita” constatamos que, nesse contexto poético e subjetivo, *Deus* e *mônada* são equivalentes, vemos dois itens lexicais fazendo referência a uma mesma manifestação do universo. O conceito de Deus, aqui, diferencia-se do conceito que os cristãos têm a respeito do ser supremo. Esse item lexical, numa perspectiva religiosa, em especial as religiões ocidentais, como o cristianismo,

significaria a força criadora do universo, encarnada em apenas um homem, na figura de Jesus Cristo.

Por tanto, se soubéssemos apenas aquele conceito sobre esse ser divino que aprendemos no catecismo; esse verso e, talvez, o poema não fizesse sentido. Eis mais uma vez a relevância da semântica formal, visto que, segundo o que vimos até aqui neste estudo, dois itens lexicais podem fazer a mesma referência a algo no mundo; não obstante, um mesmo item lexical pode fazer referência a mais de um objeto, pessoa, coisas, entidades, manifestações no mundo extralinguístico. Se para alguns cristãos, Deus se encarnou em Jesus, para Augusto dos Anjos, nessa visão monista, Deus se apresenta como atividade espiritual, sendo componente básico de toda realidade anímica e eterna.

O quarto verso do segundo quarteto (“Coordenando e animando tudo aquilo!”), retoma, anaforicamente, o sentido da primeira estrofe. Lembremos que o eu lírico diz, nos primeiros versos, viajar, infinitamente, através do inconsciente. E por meio dessa introspecção imaginária, via Deus/mônada animando e coordenando todos os elementos da matéria.

No primeiro verso do primeiro terceto (“E eu bendizia, com o esqueleto ao lado”), o eu lírico dizia glorificar, já que ele utiliza o termo *bendizer*, sinônimo de glorificar, ao lado da figura cadavérica de *Ésquilo*. Mais uma vez o sentido do verso se dá por meio da anáfora. Lembremos os dois primeiros versos do soneto. No segundo verso do primeiro terceto, ele diz que *guturava* seu *brado*. Os dois itens lexicais destacados nos sugerem o significado de voz profunda e intensa, acentuando o sentido de clamor do eu lírico. Ao concluir o primeiro terceto, ele diz estar alheio ao velho cálculo dos dias. Aqui, a metáfora se constrói pelo fato do eu lírico nos dizer não agir de forma racional ou pela razão, ele está alheio a um olhar objetivo da realidade, agindo de forma subjetiva, através do seu imaginário criativo.

O último terceto é iniciado com uma analogia. O poeta faz uma comparação dele mesmo com um pagão no altar de *proserpina*. O sentido do item lexical em destaque se constitui a partir de uma referência da palavra com uma deusa romana, emergindo a essência da metáfora. *Proserpina* aparece no contexto mitológico como a deusa da fertilidade e da fecundidade, constituindo a união entre masculino e feminino.

É importante olharmos com atenção para a palavra *pagão*, neste contexto poético. Ao observarmos etnologicamente este item, veremos que ela vem do latim *paganus*, que significa homem do campo. Como já foi apresentado no capítulo anterior, onde foi tratado da vida e do fazer poético de Augusto dos Anjos, vimos que o poeta viveu parte de sua vida no Engenho Pau D’arco, em meio a plantações, a lavoura, a cana-de-açúcar. Nessa vertente significativa, vemos na construção poética, no verso que traz as palavras *pagão* e *proserpinao* o significado

emergindo através da experiência de vida do autor, já que ele viveu parte de sua vida no campo. Lembremos, também, que a religião pagã era a religião do homem do campo, ligando o homem à natureza. Poderíamos dizer que o eu lírico se apresenta como alguém fiel, no altar de *proserpina* (deusa da fertilidade), ou, simplesmente, no altar da própria natureza.

Temos aqui uma construção metafórica à luz da semântica cognitiva, já que esta teoria trata do sentido, levando em consideração a experiência do sujeito em relação ao mundo. Neste prisma semântico-cognitivo, as estruturas da linguagem não constituem o sentido de forma autônoma, elas são vistas como manifestações cognitivas gerais, considerando a organização conceitual, as categorias e a experiência cultural, social e individual.

Talvez não enxergássemos sentido neste último verso analisado, se não fosse pela experiência do próprio autor de ter vivido no campo e ter contextualizado sua vivência de mundo com uma visão mitológica. Aqui, complementam-se a experiência de mundo do poeta com a experiência de mundo do leitor, já que o leitor deve ativar seus conhecimentos de mundo num processo cognitivo, utilizando saberes prévios, para que possa dialogar com o eu lírico, suscitando, pois, o sentido como um todo.

No penúltimo verso do soneto (“A energia intracósmica divina”), recorreremos, primeiramente, a semântica lexical, tendo em vista o termo *intracósmica*, que pode ser sinônimo de *Parabrahma*, que por sua vez, significa Espírito Universal. Em um segundo momento, voltamos à semântica formal, visto que este item está fazendo referência a uma energia cósmica e divina, responsável pela ondenação do universo. Ainda é possível constatarmos que o eu lírico usa essa referência para designar um princípio onipresente, eterno, sem limites, imutável e icognocível à compreensão humana. Uma espécie de espaço absoluto abstrato.

No penúltimo verso, temos uma espécie de catáfora metafórica, pois o sentido de intracósmica se solidifica no último verso (“Que é o pai e é a mãe das outras energias!”), quando o eu lírico utiliza os termos *pai* e *mãe*. Lembremos mais uma vez que a visão do poeta neste soneto é unicista, a começar pelo título (“Sonho de um monista”); depois vendo Deus como uma mônada, na perspectiva em que a matéria e espírito se unem formando um único ser. Poderíamos inferir que o eu lírico teme a morte trágica, já que no quarteto introdutório, ele diz viajar na companhia do esqueleto esquelido de Ésquilo, assustado com a matéria de protilo. No entanto, sua inconsciência imaginária via Deus em forma de Mônada, animando tudo o que há de infinito. Esse sentido de oposição entre a matéria de protilo e Deus em forma de mônada faz com que nós entendamos que, mesmo o eu lírico temendo uma morte trágica

em decorrência da matéria de protilo, ele se supera através de sua visão intracósmica, refugiando-se na essência do Espírito Universal.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

No mundo acadêmico, lidamos, a todo instante, com indeterminações. Tem sempre algo que precisa ser visto por diversos ângulos. Esse pensamento serviu de fulcro para que realizássemos este trabalho. Isso se deve ao fato de várias pesquisas sobre Augusto dos Anjos se voltarem apenas para a crítica literária, e não para um estudo que incluísse, também, aspectos da língua, ou do significado, numa perspectiva mais abrangente. A nossa pesquisa almejou, também, essa linha de raciocínio que levássemos a enxergar não apenas um poeta na companhia da morte, ou das hiponímias relativas a esta, mas a perceber um poeta que tinha uma verve perene e criadora, que trazia na sua poética informações de diversas áreas do conhecimento.

Neste trabalho pudemos constatar a riqueza de sentidos alcançada pela negociação de expressões e conteúdos linguísticos que permitem ao poeta Augusto dos Anjos elevar sua poesia a graus significativos de representação literária. Considerado pela maioria dos críticos literários como o poeta da morte, do verme, dos cemitérios; neste estudo, constatamos que o seu fazer poético tem proporções cósmicas, transcendentais, ao passo que o sentido de seus versos, muitas vezes, parte do individual para o todo, e do todo para o individual, emergindo uma grande carga de sentido, que lapida seus poemas.

Nosso estudo buscou evidenciar que para se fazer poesia, não basta um olhar voltado para a estrutura da palavra ou metrificar versos, obedecendo cada regra que faz com que um texto se apresente como sendo poético. Vimos que a poética de Augusto dos Anjos representada pelo *corpus* analisado neste estudo constitui-se de forma transversal, a transpor cada termo empregado pelo autor, tomando proporções através de referências e processos cognitivos, abrilhantando seus poemas com os mais variados elementos semânticos.

Podemos perceber que o sentido presente na poética analisada, não raras vezes, emerge por meio do imaginário do autor, através de sua subjetividade e de sua capacidade de abstrair uma ideia de mundo que o cercava, criando metáforas, suscitando, assim, construção de sentido.

Foi possível constatar, ainda, temas não muito explorados pelos estudiosos acerca da poesia augustiana. Constatamos uma poesia transcendente que vai além de muitos conceitos que alguns críticos atribuem ao autor. Acreditamos ter alcançado o objetivo de analisar a poética de Augusto dos Anjos numa perspectiva que evidenciou em sua obra traços de uma compreensão de mundo divino; portanto, iluminado, o que revelou um poeta diferente daquele que descrito outrora como sendo o poeta da morte. Conseguimos perceber uma poesia mais

sublime que utiliza o conceito de mônada para demonstrar a existência de um Espírito inteligível e etéreo.

Acentuemos mais uma vez a relevância dos estudos semânticos que nos auxiliaram nessa busca pelo sentido, esclarecendo-nos cada contexto.

Este trabalho nos passou a confiança de ser o primeiro de muitos, que abordarão a poética desse autor paraibano numa perspectiva semântica, levando-nos a crer que não seria remota a possibilidade de trabalhar com a poética de Augusto dos Anjos na Educação Básica, foco no Ensino Médio, num prisma semântico-discursivo que otimize um estudo interdisciplinar em sala de aula de língua portuguesa.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Horácio de. **As Razões da Angústia de Augusto dos Anjos**. Palestra proferida em 1960 na Federação das Academias de Letras do Brasil. Disponível em: <http://www.jornaldepoesia.jor.br/augusto16a.html>. Acesso em: 13/04/2016.
- ANJOS, Augusto dos. **Eu e outras poesias**. Porto Alegre: L&PM Pocket, 2013.
- CHIERCHIA, G. **Semântica**. Campinas/Londrina: Editora da Unicamp/EDUEL, 2003.
- COBRA, Rubem Q. - **Giordano Bruno**. Página de Filosofia Moderna, Geocities, 1997. Disponível em: <https://sites.google.com/site/filosofiapopular/filosofos/giordano-bruno>. Acesso em: 16/04/2016.
- DRUMMOND DE ANDRADE, Carlos. **Nota crítica à obra poética de Augusto dos Anjos**. Rio de Janeiro, 1984. 1 p. Original. Manuscrito. Escrita especialmente para a exposição comemorativa do centenário de nascimento do poeta, organizada pela Biblioteca Nacional. Disponível em: <http://www.elfikurten.com.br/2011/01/augusto-dos-anjos-um-poeta-pessimista.html>. Acesso em: 31/03/2016.
- FIORIN, José Luiz. **Introdução à Linguística II: princípios de análise**. José Luiz Fiorin (org). 4. ed. São Paulo: Contexto, 2005.
- FODOR, J. **Connectionism and the problem of systematicity (continued): why Smolensky's solution still doesn't work**. *Cognition*, v. 62, n. 1, p. 109-119, 1997.
- GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002.
- GOMES, Claudete Pereira. **Tendências da Semântica linguística**. Ijuí: Ed. Unijuí, 2003.
- ILARI, Rodolfo; GERALDI, João Wanderley. **Semântica**. 3. ed. São Paulo: Ática, 1987.
- LAKOFF, George. **Categories and Cognitive Models**. Berkeley cognitive Science Report, 1982.
- _____. **Women, fire and dangerous things**. Chicago: Chicago University Press, 1987.
- LAKOFF, George; TURNER, M. **More than cool reason: field guide to poetic metaphor**. Chicago: University of Chicago Press, 1989.
- OKAWA, Riuho A **Essência de Buda: o caminho da iluminação e da espiritualidade superior**. Trad. Luis Reyes Gil. São Paulo: IRH Press do Brasil, 2013.
- OLIVEIRA, Luciano Amaral. **Manual de Semântica**. 2 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.
- REIS, Zenir Campos. **Augusto dos Anjos: seleção de textos, notas, estudos biográfico, histórico, crítico e exercícios**. São Paulo: Abril Educação, 1982.
- SILVA, Maria Helena as Cruz, & OLIVEIRA, Anice Brito Lira de. **Vocabulário poético do Eu - glossário**. Academia Paraibana de Letras: João Pessoa, 1986.

SWEETSER, E. **From etymology to pragmatics**. Berkeley: University of California, 1990. (PhD Dissertation).

URBAN, Paulo. **Augusto dos Anjos, poeta da espiritualidade**. Disponível em: <<http://www.amigodaalma.com.br/2009/12/27/augusto-dos-anjos-poeta-da-espiritualidade/>>. Acesso: 16/04/2016. Publicado Originalmente na Revista Planeta, edição nº 337, Outubro de 2000.